

Dissertação apresentada à Escola Superior de Desporto de Rio Maior como parte dos requisitos para obtenção dos grau de Mestre em Psicologia do Desporto e do Exercício

DEDICATÓRIA

- Como sou um homem de fé, agradeço a Deus e a Jesus por me terem dado mais esta oportunidade de progredir em termos científicos !!!
- Aqueles que sempre estiveram ao meu lado que foram os meus queridos pais, por toda a ajuda que me dispensaram. Um obrigado por tudo, amo-vos muito !!!
- À minha companheira do dia-a-dia por tudo o que tens feito por mim, estás sempre ao meu lado nos bons e nos maus momentos e pelo contributo que deste na realização deste trabalho. Beijo para ti maior que o mundo !!!

AGRADECIMENTOS

- A todos os que me apoiaram incluindo co-orientadora professora Carla Chicau Borrego e o professor José Carlos Leitão.

Índice Geral

Índice de Quadros.....	vi
Índice de Figuras	viii
Resumo.....	ix
Abstract	x
Résumé.....	xi
Abreviaturas	xii
1. Introdução Geral.....	1
1.1. Justificação da Pertinência do Tema	1
1.2. Apresentação Geral do Tema	1
1.3. Objectivo do Estudo 1	4
2. Revisão da Literatura do Estudo 1	4
2.1. Construção da escala da paixão no desporto	4
3. Estudo 1 – Validação Preliminar da Escala de Paixão no Desporto	6
3.1. Participantes	6
3.2. Instrumentos	7
3.2.1. Apresentação da Escala da Paixão no Desporto	7
3.3. Métodos e Procedimentos	7
3.4. Procedimentos Estatísticos	8
4. Apresentação e Discussão dos Resultados	8
4.1. Análise Factorial Exploratória	8
5. Conclusões Estudo 1	12
6. Revisão Bibliográfica do Estudo 2	13
6. 1. Conceito de Paixão.....	13

6.2. Conceito de Paixão Harmoniosa e Obsessiva	14
6.3. Origem e Desenvolvimento do Conceito de Motivação	17
6.4. Teoria dos Objectivos de Realização	19
6.5. Estudos Relacionados com a Paixão e os Objectivos de Realização	21
7. Estudo 2 – Problemas, Objectivos e Hipóteses	24
7.1. Problemas	24
7.2. Objectivo do Estudo 2	24
7.3. Hipóteses:	24
8. Estudo 2 – Comparação entre a Paixão no Desporto e Orientação Motivacional.....	25
8.1. Participantes	25
8.2. Variáveis.....	26
8.3. Instrumentos	26
8.3.1. Apresentação da Escala de Paixão no Desporto	26
8.3.2. Apresentação do Questionário de Orientação Motivacional	26
8.4. Métodos e Procedimentos	27
8.5. Procedimentos Estatísticos	27
8.6. Análise e Discussão dos Resultados.....	27
8.6.1. Influência da Idade na Paixão no Desporto e na Orientação Motivacional.....	27
8.6.2. Influência do Escalão de Formação na Paixão do Desporto e na Orientação Motivacional.....	29
9. Conclusões Estudo 2	33
10. Conclusões Gerais	34
Referências Bibliográficas	36
Anexos.....	53
Anexo I – PSp	53

Anexo II – Tabelas Correlação PO e PH e Testes KMO	54
--	----

Índice de Quadros

Quadro 1 - 1ª, 2ª e 3ª Análise dos Valores de Correlação entre Factores e Itens.....	10
Quadro 2 - Análise Inicial e Final da Correlação Itens-Factores	11
Quadro 3 – Análise Descritiva dos Participantes no Estudo 2.....	26
Quadro 4 – Média, Desvio Padrão, Variância, t de <i>Student</i> nas idades	28
Quadro 5 – Média, Desvio Padrão, Variância, Anova nos escalões competitivos	31
Quadro 6 – Múltiplas Comparações de Médias Significativas nos Escalões.....	32

Índice de Figuras

Figura 1 – Processo de Desenvolvimento da Paixão.....	14
Figura 2 - Modelo de Paixão no Desporto	15

Resumo

A base teórica deste estudo teve como principais conceitos a Paixão no Desporto, a Paixão Harmoniosa (PH) e a Obsessiva (PO) (Vallerand et al., 2003) e a Orientação Motivacional no Desporto (Duda 1992, 1993; Roberts 2001; Biddle et al. 2006). Os objectivos desta investigação foram primeiramente realizar uma Análise Factorial Exploratória (AFE), para verificarmos se a estrutura factorial da Escala de Paixão no Desporto (Vallerand et al. 2003), se confirmava para a população portuguesa. A nossa população foram praticantes de futebol e de futsal, dividindo-os em pré-adolescentes, adolescentes, e em diferentes escalões competitivos (Juniões A, B e C), procurámos saber se haviam diferenças significativas no tipo Paixão no Desporto e na Orientação Motivacional no Desporto. A nossa amostra tem (N=120) atletas de futebol (n=60) e de futsal (n=60), com idades entre os 12 e os 19 anos. As variáveis dependentes são: a Paixão Harmoniosa e Obsessiva, o Ego e a Tarefa, quanto às variáveis independentes consistem: na idade dos praticantes, nos escalões competitivos e nas modalidades desportivas. Utilizámos a tradução preliminar da escala de Paixão no Desporto (PSP) com 14 itens, 7 para a PH ($\alpha=.868$) e 7 para a PO ($\alpha=.915$). Outro instrumento utilizado foi o TEOSQp, Questionário da Orientação Motivacional, com 13 itens, 6 para o Ego e 7 para a Tarefa. Na AFE da PSP foram retirados do modelo factorial dois itens, do factor PH e um item na dimensão PO. Utilizámos o *t*-teste *Student* verificando-se diferenças significativas entre os desportistas pré-adolescentes e adolescentes, nas variáveis dependentes PH, PO, Tarefa. No método Anova oneway comparámos os escalões competitivos e verificámos que existiam diferenças médias nos mesmos, no factor PH e na Tarefa.

Palavras Chave: Paixão Harmoniosa, Paixão Obsessiva, Ego, Tarefa, Desporto.

Abstract

The theoretical basis of this study had as main concept Passion in Sports, Harmonious Passion (HP) and Obsessive Passion (OP) (Vallerand et al., 2003) and the Motivational Orientation in Sports (Duda 1992, 1993; Roberts 2001; Biddle et al. 2006). This investigation goals were initially to make an Exploratory Factorial Analysis (EFA), to check if the factorial structure of the Passion in Sports Scale (Vallerand et al. 2003), would fit the Portuguese population. Our population were soccer and indoor soccer players, divided by pre-teenagers, teenagers and in different competition scales (Juniors A, B e C) in relation to their Passion in Sports and Motivational Orientation in Sports. Our sample is made of (N=120) soccer athletes (n=60) and indoor soccer (n=60), with ages between 12 and 19 years old. The dependent variables of this study are the Harmonious and Obsessive Passion, the Ego and the Task, as for the independent variables they are the age of the players, the sport, the competitive scale. We used the translation of the Passion in Sports scale (PSP) with 14 items, 7 for Harmonious Passion ($\alpha=.868$) and 7 for Obsessive Passion ($\alpha=.915$). Another instrument used in our study is the TEOSQP, Motivational Orientation Enquiry, with 13 items, 6 for Ego and 7 for the Task. At the Exploratory Factorial Analysis from PSP were taken 2 items, from factor HP and one item from the OP dimension. We used the t-test Student, with a significance level of 0,05, and checked some significant differences between pre-teenagers and teenagers in variables HP, OP, Task. In the Anova oneway method we compared the competitive scales and had noticed average differences, in factor HP and in Task.

Key Words: Harmonious Passion, Obsessive Passion, Ego, Task, Sport.

Résumé

Un des principaux objectifs de cette recherche a été de réaliser une Analyse des Faits Exploratoire (Vallerand et.al. 2003). Autre objectif de cette recherche est la vérification des différences entre des athlètes qui font du football et du football de salle en ce qui concerne leur Passion dans le Sport et leur Orientation Motivante dans le Sport. Un autre objectif est d'observer les différences entre athlètes pré - adolescents et adolescents quant à leur Passion dans le Sport et leur Orientation Motivante dans le Sport. Le dernier objectif de cette recherche est de vérifier si il existe des différences significatives dans les sportifs de différents échelons compétitifs (Juniors A, B e C) en ce qui concerne leur Passion dans le Sport et leur Orientation Motivante dans le Sport. Notre échantillon est composé par (N=120) des athlètes de football (n=60) et de football de salle (n=60), entre les 12 et les 19 ans. Les variantes dépendantes de cette recherche sont la Passion Harmonieuse et Obsessionnelle, le Ego et la Tâche, quant aux variantes indépendantes, elles sont l'âge des pratiquants, modalités sportives ainsi que les échelons compétitifs. Nous avons utilisé la traduction de Paixão no Desporto (PSP) avec 14 items, 7 pour la Passion Harmonieuse ($\alpha=.868$) et 7 pour la Passion Obsessionnelle ($\alpha=.915$). Un autre instrument utilisé dans notre teste TEOSQp, Questionnaire de l'Orientation Motivante, avec 13 items, 6 pour l'Ego et 7 pour la Tâche. Les résultats de notre AFE de la PSP ont été extraits du modèle des faits, les items 5 e 6, du facteur PH et l'item 14 pour la dimension PO. Nous avons utilisé le t-teste Student et niveau de signification de 0,05, et n'avons pas vérifié de différences moyennes entre athlètes de football e de football de salle, dans la PH, PO, Ego e Tâche. Il existait aussi des différences significantes dans les sportifs pré - adolescents et adolescents dans la et la PH, PO et Tâche. Nous avons utilisé la méthode Anova oneway pour comparer si dans les échelons compétitifs il existait des différences moyennes, se vérifiant dans les groupes dans la PH et dans la Tâche.

Mots Clefs: Passion Harmonieuse, Passion Obsessionnelle, Ego, Tâche, Sport.

Abreviaturas

AFE Análise Factorial Exploratória

PH Paixão Harmoniosa

PO Paixão Obsessiva

PSp Versão Portuguesa da Escala de Paixão no Desporto

TEOSQp Versão Portuguesa do Questionário de Orientação Motivacional no Desporto

1. Introdução Geral

1.1 Justificação da Pertinência do Tema

Na dissertação deste mestrado realizámos dois estudos.

O primeiro estudo pretende contribuir para a validação da Escala de Paixão no Desporto, pois é pouco utilizada no âmbito desportivo, sendo que desta forma poderemos ter acesso ao que sente um atleta face à actividade desportiva (Vallerand et al., 2003).

No segundo estudo pretendemos comparar os tipos de paixão (Paixão Harmoniosa e Paixão Obsessiva) e do Ego e Tarefa em atletas de futsal e de futebol, pois são conceitos que provêm da mesma teoria que é a da Auto-Determinação (Biddle, 1999; Roberts, 1992). Assim, julga-se que será interessante verificarmos até que ponto estes construtos diferem uns dos outros. Por fim, iremos comparar as médias dos tipos de paixão e do Ego e da Tarefa nos diferentes escalões e idades, para verificar a sua percepção de Paixão e de Orientação Motivacional.

1.2 Apresentação Geral do Tema

A teoria da Auto-Determinação deu origem aos conceitos de Objectivos de Realização e de Paixão, por isso iremos verificar o significado deste construto. A teoria da Auto-Determinação baseia-se em três necessidades fundamentais em Seres Humanos: a competência, a autonomia e os relacionamentos (Deci & Ryan, 1985, 2000). Estas necessidades indicam aos sujeitos quais as actividades que lhes dá prazer, estimulando-lhes as internalizações de regulações (autónomas ou controladas) e valores relacionados com essas actividades. A internalização associa-se à personalidade do indivíduo, que sucede através de avaliações, regulações e actividades que se direccionam de forma autónoma ou controlada, isto é, a autónoma porque o sujeito começou a praticar aquela actividade por sua livre vontade, sentindo mais prazer durante a sua prática, dando relevância a novas aprendizagens e ao seu progresso. Já na controlada, a pessoa sente-se obrigada a praticar a actividade por influência de terceiros ou por si mesmo, criando deste modo a obrigação de praticar essa actividade, sendo que a sua identidade é reforçada pelo sucesso nessa actividade, ou então pela opinião de terceiros. Desta forma, dizemos que a autonomia associa-se à paixão harmoniosa e a controlada à obsessiva.

Ntoumanis (2001), na associação entre os Objectivos de Realização e a Auto-Determinação, refere que existe uma clara ligação entre estes construtos, pois permitem a manutenção dos objectivos que guiam as necessidades de âmbito psicológico, e que regulam o comportamento da pessoa para se empenhar numa determinada actividade (Maehr, & Nicholls, 1980; Nicholls, 1984, 1989; Ames, 1992; Dweck, 1999). Na Teoria dos Objectivos de Realização temos sujeitos que demonstram envolvimento na Tarefa, denotando uma auto-percepção de sucesso, acreditando que a sua habilidade evolui através do conhecimento de novas técnicas, verificando-se um elevado esforço, vontade de aprender e desta forma melhorar o seu rendimento. Todavia, os indivíduos que se dirigem para o Ego comparam-se com os outros na obtenção do sucesso, demonstrando uma atitude normativa e social, pois pensam ser superiores aos outros, estabelecendo a ideia que ao se esforçar menos que os seus colegas conseguem ter resultados similares a eles (Nicholls, 1989). A orientação de objectivos está associada à tendência disposicional para o sujeito se dirigir para a Tarefa ou Ego em contextos de realização (Nicholls, 1989).

Em relação à paixão define-se segundo Vallerand et al., (2008) como sendo a energia que sustenta o empenhamento e a persistência de um indivíduo numa determinada actividade. Um dos tipos de Paixão, de acordo com Vallerand e Miquelon (2007), é a Paixão Harmoniosa (PH) que é escolhida voluntariamente pelo sujeito, ou seja, através de uma internalização autónoma na identidade do indivíduo, pois sente prazer pela actividade desportiva, pratica-a no momento em que desejar e não por questões de reforço da sua identidade pessoal, não sentindo desta forma a obrigação de exercê-la. A outra paixão é a obsessiva (PO) (Vallerand, & Miquelon, 2007), que é construída de acordo com uma internalização controlada na identidade dessa pessoa, através de uma forte motivação que consiste em ganhos como são: o reconhecimento social, o aumento da confiança nas suas capacidades individuais e da sua auto-estima (Hodgins, & Knee, 2002). Assim, estas pessoas tornam-se dependentes e são igualmente controladas por essa actividade desportiva, não conseguindo viver sem a mesma, dado que passa a fazer parte da sua identidade pessoal e da sua consequente afirmação social.

Desta forma, a PH e Tarefa associam-se ao prazer e gozo da prática desportiva e à internalização autónoma da actividade na identidade da pessoa (Deci, & Ryan, 1985, 2000), isto é, associam-se a motivações intrínsecas. No caso da PO e Ego ligam-se às motivações extrínsecas, ou seja, os indivíduos não sentem prazer na actividade praticada, porém procuram uma recompensa externa que a mesma lhes irá proporcionar, ajudando à afirmação da sua

identidade verificando-se uma internalização controlada da actividade no seu *self*, pelo que a percepção do sujeito face à actividade irá dominá-lo e não o contrário.

Passemos agora a diversas investigações (Elliot, & Harackiewicz, 1996; Elliot, 1997), as quais sustentaram a existência dos dois tipos de objectivos de realização.

O primeiro consiste em objectivos de mestria, os quais promovem o desenvolvimento pessoal e a excelência na execução das tarefas; já o segundo designa-se por objectivos de resultado, que se verificam quando os atletas procuram ser competentes através da comparação da sua prestação com a de outras pessoas (procuram confrontar-se com a prestação dos outros), ou então através da fuga, neste caso os desportistas procuram evitar ser incompetentes perto dos seus colegas (tentam fugir da situação de comparação).

No que diz respeito ao processo dos objectivos de realização e ao tipo de paixão, a paixão harmoniosa associa-se a objectivos que são adaptativos, de mestria elevada onde se verificam elevados níveis de focalização na tarefa (Dweck, 1986; Duda, 2001). Em relação à paixão obsessiva, esta prediz uma relação positiva com os objectivos de resultado, de procura de boas *performances* e de rendimento-evitamento. Enquanto que a paixão harmoniosa está positivamente relacionada com a concentração, *flow*, e afectos positivos durante a prática da actividade, a paixão obsessiva está negativamente relacionada com estas variáveis (Vallerand et al., 2003; Mageau, Provencher, Ratelle, Rousseau, & Vallerand, 2005).

Com significado oposto está a pressão no atleta, ocorrendo uma internalização controlada quanto à actividade praticada, dado que a paixão obsessiva estimula um conflito no processo regulação, o qual fará o sujeito sentir-se obrigado e esforçar-se para obter sucesso em determinada actividade, incluindo ser o melhor na tarefa, tentar ganhar aos outros, e por fim evitar não fazer pior em relação aos que consigo praticam a mesma actividade.

Vários estudos têm sido realizados neste âmbito em populações de desportistas que praticam modalidades colectivas e individuais (Chian, & Wang, 2006), em atletas inexperientes (Biddle, Chatzisarantis, Spray, Wang, 2006), em desportistas na sua percepção do clima motivacional quanto à relação com os pares (Balaguer, Duda, & Smith 2006), e em estudantes adolescentes chineses de educação física (Há, Lonsdale, Raedeke, Sabiston, & Sum, 2009).

Finalmente, no tipo de relação existente entre a Orientação Motivacional e o Modelo Dualístico de Paixão tivemos acesso a estudos que aprofundaram a associação entre as duas teorias em populações de jovens futebolistas (Abrahamsen, Lemyre, Ommundsen, & Roberts,

2007) e em populações de atletas jovens e em adultos praticantes de distintas modalidades desportivas (Korte, et al., 2009)

Quanto à Escala de Paixão no Desporto, esta foi já aplicada em vários contextos de aplicação e em diversas modalidades desportivas, como são: a escalada e o ciclismo (Vallerand et al., 2003) no contexto do desporto universitário temos desportistas de natação sincronizada, de hóquei no gelo, de patinagem, de basquetebol (Vallerand, et al., 2006; Donahue, Jowett, Lafreniere, Lorimer, & Vallerand, 2008); em adeptos de futebol (Ntoumanis, Philippe, & Vallerand, 2007; Vallerand, et al., 2009) e nos árbitros de andebol, nas lesões desportivas, no rugby e no futebol (Andrianarisoa, & Brunel 2007; Miquelon, & Vallerand, 2007; Vallerand, 2009, Andrianarisoa, Brunel, Philippe, & Vallerand, 2009) em atletas de futsal e de futebol e em desportistas de natação (Teixeira, 2009; Cid e Louro, 2010), associação da Yoga com paixão (Carbonneau, Massicotte, & Vallerand, in press) na associação entre a paixão no trabalho e o *Burnout* (Houliort, & Vallerand, 2003; Fortin, Rip, & Vallerand, 2006; Charest, Paquet, Philippe, & Vallerand, 2010) na relação treinador e atleta (Vallerand, 2008).

No seguimento do exposto passemos à definição do objectivo do estudo 1.

1.3. Objectivo do Estudo 1

A caracterização da escala de Paixão no Desporto será realizada, por isso construiremos o nosso objectivo, tendo em conta a revisão bibliográfica que realizaremos mais à frente:

O1 - Analisar a estrutura do instrumento de avaliação.

2. Revisão da Literatura do Estudo 1

2.1. Construção da escala da paixão no desporto

Na investigação de Vallerand et al. (2003a) ficou demonstrado que a escala de paixão no desporto tem dois factores: a paixão obsessiva (PO) e a harmoniosa (PH), e que se distinguem claramente uma da outra.

Esta escala (PS) (Vallerand et al. 2003a) começou por ser concebida com 34 itens ($n=284$) e foi aplicada a atletas universitários antes, durante e após a competição ($M=18,9$).

Os critérios utilizados para saber qual é a percepção dos indivíduos face à paixão foram: a valorização da actividade, tempo e energia dispendidos, o nível de conflito entre a actividade apaixonante e outras relacionados com a sua vida. Foi utilizada a escala (*Inclusion of Others in the Self (IOS)*) de Aron, Aron, e Smollan (1992) para avaliar se o self da pessoa internaliza de forma controlada a actividade, após realizada a análise factorial exploratória foram eliminados diversos itens, ficando a versão final com 14 itens ($n=235$) (7 de paixão harmoniosa e 7 de paixão obsessiva). Em seguida, procedeu-se a nova análise factorial exploratória, os resultados originaram o aparecimento de 2 factores com *eigenvalues*, média e desvio padrão de (5.62), (5.01) e (1.15) respectivamente para a PO e de (2.05), (3.20) e (1.47) associados à PH, ambos os factores explicam 54.7% de variância total.

Assim, a PH durante a competição correlaciona-se positivamente com sentimentos de *flow* (desafio, ausência de auto-consciência e controlo da prática da actividade), emoções positivas, e concentração; quanto à PO correlaciona-se positivamente com a vergonha e ansiedade após a prática da actividade, já a PH correlaciona-se positivamente com as emoções positivas, enquanto que a PO correlaciona-se de forma positiva com as emoções negativas, com as cognições e afectos negativos, no caso dessa pessoa estar impedida de praticar a actividade apaixonante.

Durante a Análise Factorial Exploratória as correlações são baixas e pouco significativas a paixão harmoniosa no tempo e energia dispendidos com a actividade ($PH=.35-PO=.20$). Nos outros critérios de definição dos factores os índices de correlação para a paixão obsessiva são mais elevados do que para a paixão harmoniosa, actividade como paixão ($PH=.43-PO=.46$), na valorização da actividade ($PH=.37-PO=.57$), no nível de inclusão da actividade no self ($PH=.16-PO=.49$) e por último o nível de conflito entre actividade apaixonante e pessoal ($PH=.11-PO=.50$), confirma-se assim que os indivíduos que sentem a paixão obsessiva pela actividade praticada que é internalizada no seu *self*, e a existência de uma forte valorização da actividade e ainda verificam-se elevados níveis de conflito entre a actividade apaixonante e pessoal.

Por fim, foi desta forma que os autores Vallerand et al. (2003a) chegaram à versão final do questionário de paixão no desporto aplicando em mais de 900 pessoas e em vários âmbitos desportivos e na saúde mental, como indicam estes valores de covariância da Análise Factorial Confirmatória entre os dois factores ($76, N = 235$) $= 171.70, p = .001$, com índices incrementais no [NNFI] $= .912$ e no [CFI] $= .926$ e com [RMSEA] $= .073$, os resultados da

análise exploratória e confirmatória, assim o confirmaram com Alphas de Cronbach de (.73) e (.85) para a PH e PO, respectivamente, assim os factores são significativos (Vallerand et al., 2003a). Após verificarmos este resultados podemos afirmar que este instrumento tem uma elevada fiabilidade de aplicação e de replicação nos mais variados contextos.

Vamos agora verificar estudos da escala de Paixão no Desporto utilizadas noutras populações.

Em diversas investigações que consultámos notamos que a consistência interna do questionário da paixão em Língua Inglesa e Francesa demonstravam muito bons coeficientes de alphas para as duas sub-escalas, a primeira para a PH de (.77) e (.70), e para a PO de (.64) e de (.91) no estudo de Vallerand et al. (2003a) e de Vallerand et al. (2006). A escala da paixão demonstrou ter uma estrutura forte e consistência interna em áreas de aplicação distintas como são o desporto e a saúde mental (Vallerand et al. 2003; Vallerand et al. 2008; Vallerand et al. 2009). Deste modo concluímos que após várias aplicações do PS em diversas populações e tendo em conta as dimensões das amostras, este instrumento tem todas as condições para ser generalizado, traduzido e aplicado em diferentes línguas e em vários âmbitos de aplicação (saúde mental, desporto, trabalho, vícios associados ao jogo).

Na realidade portuguesa temos o estudo de Teixeira (2009), onde foi traduzida a escala de Paixão no Desporto e aplicada em atletas de futebol ($n=123$) e de futsal ($n=66$) com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, para sabermos os itens que se correlacionam com os construtos/dimensões/factores da PH e PO, sendo que na (AFE) foram retirados os itens 6, devido ao valor dessa correlação (factor *loading*) ser inferior a (.30), o item 7 situava-se nos dois factores e não respeita o critério da diferença entre o seu valor no factor um (.580) e dois (.594) a sua diferença maior que .15, (.014), e o item 14 para aumento da consistência interna ($\alpha=.850$) para ($\alpha=.859$).

3. Estudo 1 – Validação Preliminar da Escala de Paixão no Desporto

3.1. Participantes

No nosso estudo participaram (N=120) atletas, praticantes de futsal ($n=60$) e de futebol ($n=60$), com idades que se situam entre os 12 e 19 anos.

3.2. Instrumentos

3.2.1. Apresentação da Escala da Paixão no Desporto

A versão original da escala de Paixão no Desporto (PS) de Vallerand et al. (2003a), tem dois factores (PH) e (PO), os quais são avaliados tendo em conta cinco critérios de percepção do atleta que são: 1) a actividade como paixão, 2) valorização da actividade, 3) tempo e energia dispendidos na actividade, 4) nível de inclusão no *self* da actividade e nível de conflito entre actividade apaixonante e as pessoais, sendo que as mesmas avaliam cada tipo de paixão. Esta escala tem 14 itens, 7 associados ao factor paixão harmoniosa (itens 1,2,3,4,5,6,7), com o valor de consistência interna de ($\alpha=0.70$) e 7 ao factor da paixão obsessiva, com o valor de consistência interna de ($\alpha=0.91$) (itens 8,9,10,11,12,13,14), sendo o seu objectivo o de avaliar o tipo de paixão que o atleta sente. A escala de resposta utilizada foi do tipo *likert* com um intervalo numérico entre o 1 (discordo totalmente) e o 7 (concordo totalmente).

Utilizámos a versão da tradução preliminar (PSp) realizada por Teixeira (2009) para a Língua Portuguesa, que mantém a estrutura da versão original, sendo constituída por 14 itens, 7 associados ao factor paixão harmoniosa ($\alpha=.79$) e 7 ao factor da paixão obsessiva ($\alpha=.89$), no item 6 do factor PH temos “Para mim é uma paixão que eu ainda consigo controlar”, quanto à dimensão PO no item 13 aparece a seguinte afirmação “Tenho um sentimento quase obsessivo por esta modalidade”, no que se refere à sua escala, esta é de *likert* com um intervalo numérico de 1 (discordo totalmente) até 7 (concordo totalmente).

3.3. Métodos e Procedimentos

Para garantir a qualidade das respostas o investigador deu a conhecer aos atletas, antes dos treinos, que as respostas eram anónimas e não existiriam respostas correctas nem incorrectas, também deveriam guardar uma distância dos seus colegas, lerem os itens com atenção, com o intuito dos resultados não saírem enviesados. Foi pedido verbalmente autorização aos familiares e treinadores dos atletas menores de idade, pois só assim poderiam preencher o inquérito. Em relação aos treinadores, foi-lhes mencionado que no final da investigação iria ser disponibilizado um resumo a cada um deles, o qual seria enviado por E-mail. A escolha das equipas teve em conta o conhecimento que o investigador tinha de

treinadores e contactando a Associação de Futebol de Santarém, pedindo desta forma os contactos dos dirigentes de clubes.

Neste estudo utilizou-se um computador portátil HP, Pentium Dual Core *Inside*, para a realização desta investigação.

Para tratamento dos dados foi utilizado o programa SPSS versão 18.0.

3.4. Procedimentos Estatísticos

Para a concretização da (AFE) seguimos o critério de em cada item ter no mínimo 5 elementos da amostra, dando uma média de 8,5 desportistas por item e recorremos ao método de rotação oblíqua (existe correlação entre os factores) (Vallerand, et al., 2003) para aplicarmos a extracção dos factores. Os critérios de determinação das dimensões são os seguintes: a) $KMO \geq 0,7$; b) $eigenvalue \geq 1$ (critério de Kaiser); c) peso factorial dos itens $\geq 0,4$; d) consistência interna com um $alpha$ de Cronbach $\geq 0,7$; e) consistência interna não deve diminuir se um item for eliminado; f) cada factor deve ser constituído por um mínimo de 3 itens; $cross\ loadings > 0,15$; g) a variância total explicada das componentes retidas deve ser no mínimo de 0,7; h) cada item deve ter $N \geq 5$. (Leitão, 2002; Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro & Pestana, 2005; Kahn, 2006; Worthington & Whittaker, 2006).

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1. Análise Factorial Exploratória

No começo desta Análise Factorial Exploratória verificou-se que os factores se correlacionam (.44) (ver Anexo II), devido a este facto iremos utilizar a rotação oblíqua (factores correlacionam-se $>.30$) (Leitão, 2002), tal como sucedeu no estudo que originou a escala de paixão no desporto de Vallerand et. al. (2003a) no qual se obteve um valor de correlação de (.46).

Quanto aos resultados dos testes de KMO (ver Anexo II) (medida de adequação do modelo factorial), o primeiro obteve resultados de 65% (menos de 70%) o que significa que existe uma correlação razoável entre as variáveis.

Foram extraídas duas componentes de acordo com o critério de Kaiser (ver Anexo II) com valores superiores a um, o factor com o valor maior é o um com valor de (6,554) explicando 47% da variância e pertence à sub-escala da Paixão Obsessiva e a dimensão dois

com valor de (2,235) com 16% de explicação de variância e associa-se à sub-escala Paixão Harmoniosa, desta forma a variância total explicada pelos factores extraídos é de 63%, não preenchendo o critério das componentes terem um valor maior ou igual a 70%, em Vallerand et. al. (2003a) a PO apresentou valores de *eigenvalues* de (5.62) na PH de (2.05), ambos os factores explicam 54.7% de variância total, valor este menos elevado que o do nosso estudo.

Analisemos a correlação entre factores e itens (Quadro 1), onde podemos observar que todos eles cumprem o critério de ser maior que (.30) e não existe nenhum item que esteja nos dois factores em que a sua diferença seja menor que (.15). Contudo, temos itens com maior e menor valor de correlação no factor PH, deste modo temos o item 5 (.597) de valor e o item 6 com (.640), o que pode indicar que estes itens deverão sair desta análise factorial exploratória se aumentar o Alpha de Cronbach do factor, isto é, a sua consistência interna e a variância total deste modelo. Quanto ao factor PO temos o item 14 com (.656) a mesma situação descrita atrás pode ocorrer com este item. De acordo com Vallerand et. al., (2003) durante a validação da escala da paixão foram mencionados alguns problemas com os itens 5,6,7 e 14, no mesmo estudo em que a escala foi aplicada a jogadores de casino, foram retirados os itens 6,7,10 e 14. Numa outra investigação (Vallerand et. al., 2009), utilizou-se a escala de paixão com os 14 itens em 145 jovens atletas (M=19.6) de natação e esquiadores do género feminino e masculino. Foi também utilizada a escala de paixão no desporto na modalidade espiritual Yoga, onde foram utilizados 6 itens em cada factor, em populações com uma média de anos de (M=34.32) e num total de 75 pessoas, homens e mulheres (Vallerand,et. al., in press). Podemos de igual forma verificar na Quadro 1, após a eliminação dos itens que os alphas de Cronbach das sub-escalas são os seguintes: primeiro para a PH temos um valor de ($\alpha=.855$), em segundo para a PO o índice numérico é de ($\alpha=.909$), valores superiores aos apresentados por Vallerand et. al. (2003), Vallerand e Houlfourt (2003), Vallerand et. al. (in press). Deste modo, os resultados de consistência interna para ambas as sub-escalas são bons, portanto podemos dar continuidade à AFE.

Em relação à variância total explicada temos cerca de 63%, que queremos aumentar para 70%, através da eliminação dos vários itens com menor valor de correlação e de representação nos factores.

Quadro 1 - 1ª, 2ª e 3ª Análise dos valores de correlação entre factores e itens

Itens	1ª	2ª	3ª	Factores	1ª	2ª	3ª
	PH	PH	PH		PO	PO	PO
PS1	0,990	0,952	0,952				
PS2	0,844	0,884	0,884				
PS3	0,713	0,775	0,775				
PS4	0,736	0,740	0,740				
PS5	0,597						
PS6	0,640						
PS7	0,742	0,756	0,756				
PS8					0,813	0,812	0,812
PS9					0,821	0,821	0,821
PS10					0,867	0,867	0,867
PS11					0,892	0,892	0,892
PS12					0,742	0,745	0,745
PS13					0,851	0,851	0,851
PS14					0,656	0,654	
Nº de itens	7	7	7		7	7	7
Valores Próprios	2,23	2,1	2,03		6,55	6,04	5,76
% Variância	15,9	17,5	18,4		46,81	50,4	52,3
% Total Variância				62,7	67,9	70,8	
α Cronbach	0,855	0,868	0,868		0,909	0,909	0,915

No factor PH, os itens 5 (.458) e 6 (.463) (ver Quadro 1) têm valores de correlação moderada, porém são os que menos representam esta dimensão. Reforçando esta posição temos nos valores de alpha se item for eliminado de (.903) (ver Quadro 2), por isso iremos retirá-los da sub-escala PH. No factor PO temos o item 14 com uma correlação moderada (.496) (ver Quadro 1) e de alphas se o item for retirado com (.903) (ver Quadro 2), sendo o item que reúne maiores condições para ser eliminado.

Deste modo, vamos retirar os itens 5 e 6 do factor PH e observar como se comportam os valores de consistência interna, ou seja, se aumentam ou se diminuem. Podemos ver no Quadro 1 (2ª análise) que a consistência interna desta dimensão aumenta de ($\alpha=.855$) para ($\alpha=.868$), e a variância total explicada para (67,97), pois antes tinha (62,78), justificando-se assim a eliminação dos referidos itens. Outro aspecto a salientar é o teste KMO (ver Anexos II) no qual se notou um aumento de valor de (.646) para (.871), passando de um valor razoável, para um valor bom de adequação do modelo. Desta forma podemos referir que o factor PH fortalece a sua validade interna sem os itens 5 e 6, e o critério de KMO ser maior ou igual que 70% consolidou-se, pois reforçará a representatividade do construto de Paixão.

Quadro 2 - Análise inicial e final (sem os itens 5,6 e 14) da correlação total itens-factores valores de consistência interna item-factor

Factor/Item	Correlação Item-Factor		Alpha se Item Eliminado	
PS1	0,776	0,925	0,895	0,800
PS2	0,534	0,784	0,900	0,819
PS3	0,477	0,636	0,902	0,855
PS4	0,477	0,589	0,902	0,867
PS5	0,458		0,903	
PS6	0,463		0,903	
PS7	0,622	0,626	0,897	0,862
PS8	0,711	0,763	0,892	0,900
PS9	0,783	0,782	0,889	0,897
PS10	0,762	0,811	0,890	0,893
PS11	0,741	0,817	0,891	0,893
PS12	0,556	0,639	0,899	0,916
PS13	0,703	0,778	0,893	0,900
PS14	0,496		0,903	

Passemos neste preciso momento à análise final (ver Quadro 2) das correlações entre itens e factores dos valores de alpha se item eliminado. Observou-se nos itens 3 e 4 um aumento da correlação item factor, no item 3 passou de (.477) para (.636) e no item 4 de (.477) para (.589). No que diz respeito aos valores de alpha se item eliminado, no item 3 o valor passou de (.902) para (.855) quanto ao item 4 temos ($\alpha=.902$), verificando-se agora uma diminuição de valor para ($\alpha=.868$) da consistência interna da dimensão PH, o que indica que aumentou o valor das correlações entre o factor PH.

Em relação ao factor PO (ver Quadro 1), optámos por retirar o item 14, pois desta forma incrementou os valores de consistência interna do factor passando de um valor de ($\alpha=.909$) para ($\alpha=.915$), pois passou a ser mais representativo do construto Paixão Obsessiva, exemplo desse facto é o item 12 ter aumentado o valor de correlação ao factor PH com índices de (.556) passando para (.639) e o seu peso no factor aumentou de (.899) para (.916) e igualmente no item 13, aumentando de (.703) para (.778). Ressalve-se que os valores deste item também tiveram um aumento no seu peso dentro da dimensão PO com (.893) passando a valer (.900). Outros aspectos que apoiam a nossa tese de retirar o item 14 do factor PO é o facto de a variância total explicada passar de (67.97) para (70.85), o que significa que este modelo factorial explica cerca de 71% do construto paixão no desporto. No KMO (ver Anexos II) da escala de Paixão no Desporto verifica-se uma diminuição dos valores da segunda (quando se retirou item 5 e 6) para a terceira (no momento em que se excluiu o item 14) análise factorial, pois antes tinha um valor antigo de (.871) passando a ter (.866). No

entanto, o modelo continua com correlações consideradas boas, pelo que podemos aferir que está correcta a análise factorial aqui realizada e que o modelo factorial fica mais robusto com a retirada do item 14 da dimensão PO. De acordo com Vallerand et. al., (2003) durante a validação da escala da paixão foram mencionados alguns problemas com os itens 5,6,7 e 14, assim o nosso estudo vai ao encontro dos resultados estudados anteriormente.

Em suma, o questionário da paixão no desporto ficará na dimensão PH com 5 itens, ao qual foi retirado o item 5 que tem a seguinte afirmação “Esta modalidade está em consonância com as outras actividades da minha vida.” a qual avalia o nível de conflito entre a actividade apaixonante e a vida pessoal do atleta, e o item 6 que demonstra o nível de controlo da actividade apaixonante que o desportista demonstra ter, verificando-se através da seguinte afirmação “Para mim é uma paixão que consigo controlar.”. Em relação ao factor PO, este ficará com 6 itens, tendo sido eliminado o item 14 que consiste da inclusão no *self* da actividade apaixonante e que tem a seguinte afirmação “O meu estado de humor depende de eu praticar ou não esta modalidade.” como sucedeu na investigação de Teixeira (2009). No estudo de Vallerand et al. (2003d), em jogadores de casino, foram retirados os itens 6,7,10 e 14, ficando 5 itens em cada factor. Em suma, ficamos na dimensão PH com os itens 1,2,3,4,7 e no factor PO com os itens 8,9,10,11,12,13, para avaliarmos o construto de paixão no desporto.

5. Conclusões Estudo 1

De acordo com objectivo primordial desta investigação, ao caracterizarmos a escala de Paixão no Desporto, observámos que a sua estrutura continha um agrupamento dos itens 1,2,3,4,5,6,7 no factor PH e dos itens 8,9,10,11,12,13,14, na dimensão PO, confirmando-se a estrutura factorial da AFE de Vallerand et. al. (2003a) e da AFE portuguesa de Teixeira (2009). Dois factores foram extraídos da nossa AFE o PH e o PO com números próprios maiores que um (critério de Kaiser > 1). Os itens retirados na dimensão PH foram o 5 e o 6 aumentando a sua consistência interna de ($\alpha=.855$) para ($\alpha=.868$), no estudo de Vallerand et. al. (2003a) a consistência interna do factor PH era de ($\alpha=.79$) valor inferior ao do nosso estudo, na dimensão PO retirámos o item 14 e aumentou a sua consistência interna passando de ($\alpha=.909$) para ($\alpha=.915$), no estudo de Vallerand et. al. (2003a) os valores situaram-se em ($\alpha=.89$).

Assim, a nossa estrutura factorial é similar à das investigações realizadas anteriormente (Vallerand et. al., 2003a), pois o agrupamento dos itens nos factores sucedeu da mesma forma.

Desta forma, podemos salientar o facto de que na versão original da Escala de Paixão no Desporto de Vallerand et. al. (2003) ficarem os 14 itens, contudo noutras populações como em atletas de basquetebol foram reduzidos os itens da escala para 8, 4 em cada dimensão (Vallerand et. al. 2006), e de igual forma foram retirados 2 itens da escala de paixão no estudo do papel da paixão no trabalho e a associação com o *Burnout*, ficando assim com um máximo de 12 itens, 6 em cada dimensão (Vallerand, et. al., in press).

Podemos então concluir que a escala de Paixão no Desporto deverá ser reduzida em número de itens tendo em conta as investigações já realizadas.

Uma Análise Factorial Confirmatória para a Língua Portuguesa será benéfica de realizar em futuras investigações, para que desta forma se confirme a estrutura factorial da Escala de Paixão no Desporto.

6. Revisão Bibliográfica do Estudo 2

6. 1. Conceito de Paixão

Existem diversos tipos percepções relativos à Paixão que foram descritas há vários anos por intermédio de diversos filósofos como é o caso de Rony (1990).

A paixão deriva do latim *passio* que significa sofrimento, o qual domina o sujeito, e por isso é passivo face à paixão (Vallerand et al., 2003).

De acordo com a perspectiva psicológica, a paixão segundo Hatfield e Walster (1978), era interpretada como um conceito romântico, não contemplando outras abordagens. Porém, outros autores do contexto desportivo e do exercício definiram-na como uma paixão que gera bons e maus hábitos (Glasser, 1976). Os bons hábitos entende-se ser a criação de comportamentos repetidos de prática da actividade física (Morgan, 1979; Sachs, 1981) promovendo no sujeito sentimentos de bem-estar físico e mental, enquanto os maus hábitos relacionam-se com a dependência do exercício, com sentimentos de obrigação face à prática desportiva e à actividade física, gerando mal-estar nestes praticantes (Hansenblas, & Symons, 2002).

Finalmente, surgem as duas últimas conceptualizações de paixão (Vallerand et al., 2003; Houliort, & Vallerand, 2003). A primeira é a forte tendência, gosto e valorização que a pessoa tem face a essa actividade, originando na mesma um elevado gasto energético e de tempo, a outra definição de paixão segundo Vallerand, et al., (2007), consiste na energia que se encontra no Ser Humano, que a impulsiona a ser dedicada e persistente na prática de determinada actividade.

6.2. Conceito de Paixão Harmoniosa e Obsessiva

Há um processo no desenvolvimento do tipo de paixão.

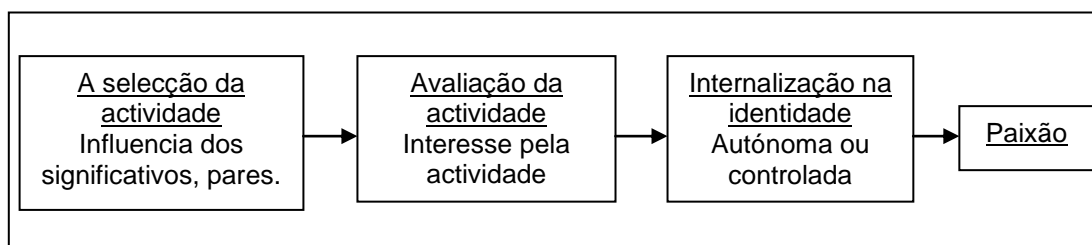


Figura 1 – Processo de Desenvolvimento da Paixão (Vallerand & Miquelon, 2007) (representação gráfica realizada pelos autores)

Existem 3 fases no progresso da paixão até passar a ser definitiva.

A primeira é a selecção da actividade à qual se associa a influência do envolvimento social, em especial os pais, adultos, e os pares que têm muita relevância na escolha da modalidade desportiva da criança ou jovem. Na segunda fase aparece-nos a avaliação da actividade que surge quando esta é valorizada pelo desportista, o qual a sente como uma atracção que o faz dirigir-se para esta. Por último, nesta etapa é definido o tipo de internalização da actividade desportiva na identidade da pessoa, que poderá ser realizada de duas formas ou de forma controlada ou autónoma.

Na primeira existe prazer na sua prática, o que levará a uma internalização autónoma, a segunda ocorre através da existência de uma forte valorização de tal actividade. Desta forma, se os atletas demonstram um tipo de internalização autónoma, observa-se a sua livre escolha (i.e. não controladora) da actividade desportiva a praticar. Assim, existirá prazer ao praticá-la e com total autonomia, ou seja, quando o sujeito quer e deseja praticá-la, sem entrar em conflito com outras actividades da sua vida quotidiana, esta é a definição de paixão harmoniosa (Mageau, Provencher, Ratelle, Rousseau, & Vallerand, 2004). Por outro lado, se os desportistas internalizam a actividade de forma controlada, procuram sentimentos de

aceitação social, o aumento da sua auto-estima, sentem elevada pressão interna para a realizar (i.e. controla o sujeito), pois aquela actividade passa a fazer parte da sua identidade (*self*), é assim que sucede a internalização da paixão obsessiva, de acordo com vários estudos que indicam se o atleta valoriza a actividade excessivamente, então terá predisposição para internalizá-la de modo controlado, necessitando de praticá-la como forma de afirmação da sua identidade (Aron, Aron, & Smollan, 1992).

Efectivamente, a paixão harmoniosa e obsessiva são conceitos nucleares deste estudo, sendo este o Modelo Dualístico de Paixão (Vallerand et al., 2003), que irá ser descrito no parágrafo que se segue.

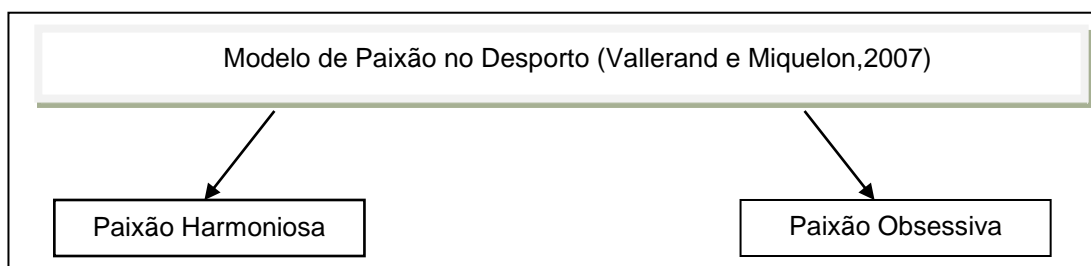


Figura 2 - Modelo de Paixão no Desporto (Vallerand e Miquelon, 2007) (representação gráfica realizada pelos autores)

Vamos agora utilizar um exemplo referido no artigo científico dos autores Vallerand et. al., (2006), para distinguir claramente os tipos de paixões. Peter e Matt jogam basquetebol há cerca de 10 anos. Eles adoram este desporto, despendendo energia e tempo na sua prática. Para eles o basquetebol é mais do que uma modalidade desportiva, faz parte de quem são, ou seja, da sua identidade. Eles são atletas de basquetebol de nível interescolar. Eles jogam com muito gosto, pois ambos sentem paixão por esta actividade desportiva, mas de forma distinta. Isto porque Matt pode decidir quando joga basquetebol, ou então se dedica a outras actividades como o estudo e relacionamentos; enquanto que Peter mostra resistência para pensar noutras actividades além do basquetebol, ou seja, está sempre a pensar neste desporto. Poucas vezes deixa o basquete para ir estudar. Como se verifica nestes casos, existem diferenças entre Peter e Matt, no que se refere à forma de lidar com o desporto. O Matt demonstra prazer e alegria na sua pratica desportiva, enquanto Peter, pelo contrário, sente culpa e ansiedade. Deste modo, podemos concluir que ambos os atletas são bons e apaixonados executantes, a distinção entre os dois é que Matt é mais feliz do que o Peter, que gasta demasiado tempo na prática desta modalidade desportiva.

Efectivamente, este pode ser um bom exemplo das diferenças entre paixão harmoniosa e obsessiva, definições que vamos desde já aprofundar.

Segundo Vallerand e Miquelon (2007), a paixão harmoniosa (PH) é escolhida voluntariamente pelo sujeito, devido ao gosto que tem pela actividade desportiva e não por questões de reforço da sua identidade pessoal. Esta actividade não controla o indivíduo, dado que é ele que a pratica no momento em que deseja, não se sentindo na obrigação de realizá-la (Amiot, Blanchard, & Vallerand, 2006; Sabrina, & Vallerand, 2010; Vallerand, 2010).

Sumariamente, a pessoa que sente uma paixão harmoniosa, consegue gerir o tempo de prática dessas actividades desportivas conjugando-as com as da sua vida particular, não se verificando deste modo qualquer tipo de incompatibilidade entre ambas.

Já a paixão obsessiva (PO) (Vallerand, & Miquelon, 2007), é construída por essa pessoa quando sente forte motivação, que consiste em ganhos como são: o reconhecimento social ou o aumento da confiança nas suas capacidades individuais e da sua auto-estima (Hodgins, & Knee, 2002). Assim, estas pessoas tornam-se dependentes e são igualmente controladas por essa actividade desportiva, não conseguindo viver sem a mesma, visto que passa a fazer parte da sua identidade pessoal e o conseqüente reforço da sua afirmação social (Mageau, & Vallerand, 2007). Podemos ainda referir que esta paixão promove a inflexibilidade e a continuidade neste tipo de actividade desportiva, o que provoca a incompatibilidade entre esta e outras actividades da sua vida, visto que a pessoa se sente obrigada a praticar essa actividade durante longos períodos de tempo do dia, o que leva a que haja indisponibilidade de tempo para realizar outras do foro pessoal. A nível de emoções, estas serão negativas, pois após a prática daquela actividade a pessoa poderá sentir culpa por tê-la praticado ou então por não a ter praticado, quanto a cognições existirá na pessoa ruminações antes da sua prática, o que lhe causará sentimentos negativos devido à dependência que tem por esta (Vallerand et al., 2007; Mageau et al., 2009).

Em seguida iremos ver a definição dos conceitos inerentes à orientação motivacional dos desportistas para a prática e a sua manutenção na actividade desportiva (Duda, 1992; 1993).

6.3. Origem e Desenvolvimento do Conceito de Motivação

Assim sendo, a motivação provém do verbo em latim «movere», que tem como sinónimo «mover» que se associa a termos como a excitação, energia, intensidade ou activação, ou seja, estados de elevada motivação (Roberts, 1995). Por este facto, a motivação é associada a um motor, dado que o sujeito que pratica desporto deve ter muita motivação para se conectar com a mesma, a qual será um motor que dirige a sua vontade de estar neste contexto e actividade.

Outros autores como Cashmore (2002) e Woolfolk (1996), citado por Dosil (2004), mencionam que a “*motivação é um estado ou processo interno que activa, dirige, e mantém a conduta perante um objectivo*” (p. 128), isto é, o indivíduo tem um objectivo e o seu comportamento é activado para o concretizar. Outro aspecto da motivação que Deci e Vroom (1979) referem é que a mesma depende de impulsos fisiológicos e dos ganhos que são transmitidos no decorrer dos mesmos, que vão influenciar positivamente o rendimento dos atletas.

Passando à definição de motivação de acordo com Sage (1977), a motivação tem como principais conceitos a direcção e a intensidade.

A direcção é a atracção que um sujeito tem por determinada actividade (i.e. gosto pela prática de uma determinada modalidade desportiva), também pode não sentir atracção demonstrando pouco interesse pela mesma (i.e. um desportista prefere estar com os amigos, em vez de ir para o treino de uma modalidade desportiva), o que origina que não se aproxime da prática desportiva ou de outra actividade da sua vida que não lhe desperte atracção.

Já a intensidade é o esforço verificável na pessoa ao realizar uma determinada actividade (i.e. se o atleta gosta de praticar desporto vai-se esforçar para estar sempre nos treinos e empenhar-se durante a sua realização).

Para além do que já foi descrito a motivação tem sido um conceito nuclear em toda a psicologia, pois sempre lhe foi atribuída especial atenção ao longo de diversos anos como menciona Weiner (1992) e actualmente no âmbito do desporto e do exercício de acordo com Roberts (2001). Além disso, este tema tem sido aprofundado na prática da actividade física em populações jovens, tanto no ponto de vista do envolvimento desportivo como no rendimento dos atletas como refere Brustad (1993). Referente à orientação dos atletas para escolherem determinados objectivos está associada a teoria de realização dos objectivos (Ames, 1984; Dweck, 1986; Nicholls, 1989, cit., Cumming, Grossbard, Smith, Smoll, &

Standage, 2008) que explica a motivação no desporto, descrevendo que a habilidade é o primeiro objectivo a atingir pelos desportistas. Deste modo, os sujeitos justificam o seu sucesso através da sua auto-percepção de habilidade, o que também vai influenciar o seu empenhamento (Nicholls, 1989; Duda 1992, 1993; Balagué, Roberts, & Treasure, 1998).

A orientação de objectivos está associada à tendência disposicional para o sujeito se dirigir para a *tarefa* ou *ego* em contextos de realização (Roberts, 1984; Nicholls, 1989; Roberts et al., 1998). Segundo esta teoria, existem dois tipos de orientação de objectivos, uns associados com a *tarefa* e outros com o *ego*, que acontecem através de respostas motivacionais, cognitivas e afectivas dos atletas (Nicholls, 1989; Duda 1992, 1993; Roberts, & Treasure, 1995; Ommundsen, & Roberts, 1996; Duda, Ntoumanis, & Standage, 2003; Duda, & Nien, 2009). Se os sujeitos demonstram envolvimento na *tarefa* têm a auto-percepção de sucesso, pois acreditam que a sua habilidade evolui se aprenderem novas técnicas, notando-se um elevado esforço, vontade de aprender, e conseguindo desta forma, melhorar o seu rendimento. Em relação ao *ego*, o indivíduo compara-se com os outros na obtenção do sucesso, por isso é uma atitude normativa e social. Os sujeitos que demonstram ter este tipo de orientação motivacional acham-se superiores aos outros, sendo que ao se esforçarem menos do que os seus colegas conseguem atingir rendimentos iguais ou superiores (Nicholls, 1989; Duda 1992, 1993; Roberts, 1992; Hall, Roberts, & Treasure, 1994; Roberts, 2001).

Surgem-nos outros aspectos na motivação especialmente em atletas jovens que se deve ter em atenção, pois influem nos seus níveis motivacionais (Duda, 1992, 1993; Hall, Jackson, Kimiecik, Roberts, & Tonymon, 1995; Gould, & Weinberg, 2007), entre os quais podemos referir os objectivos que estes desportistas desejam alcançar com a prática desportiva, que são os de realização com várias designações: os de aprendizagem e de performance (Dweck, 1986; Dweck, & Leggett, 1988), os de mestria e de habilidade (Ames, 1992; Ames & Archer, 1987; Cruz, 1996) e por fim os de mestria e competitividade (Balagué, & Roberts, 1989, 1991, cit., Fonseca, 1996), sendo que cada um destes tem definições similares.

Diversas investigações indicaram que os objectivos de tarefa em desportistas jovens demonstram promover positivamente respostas psicológicas e comportamentais (Duda & Whitehead, 1998; Roberts, 2001), na medida em que estes atletas sentem prazer durante a prática desportiva, empenham-se e utilizam estratégias de *coping* quando estão perante tarefas com elevado grau de dificuldade. Em oposição, temos os desportistas com objectivos

orientados para o *ego*, que demonstram ter menos respostas positivas a nível comportamental e psicológico, porém têm excelentes resultados e performances no contexto desportivo.

Em seguida, vamos descrever o construto dos objectivos de realização.

6.4. Teoria dos Objectivos de Realização

Passemos agora a referir a teoria dos objectivos de realização (Duda, 2001; Duda & Hall, 2001; Roberts, 2001) inerentes à orientação motivacional dos desportistas e a sua associação com a teoria da auto-determinação (Biddle, 1999; Roberts, 1992). Segundo Ntoumanis (2001), existe uma clara ligação entre a teoria dos objectivos de realização e a auto-determinação, pois esta permite a manutenção dos objectivos que guiam as necessidades de âmbito psicológico que são a autonomia, a competência e os relacionamentos, que regulam o comportamento da pessoa para se empenhar numa determinada actividade (Ames, 1992; Dweck, 1999; Maehr & Nicholls, 1980; Nicholls, 1984, 1989).

Na teoria dos objectivos de realização, é a competência que permite ao sujeito tentar cumprir com determinação as tarefas a realizar (Elliot, 1997); pode-se afirmar que é essencial para a motivação dos indivíduos, pois relaciona-se com as suas cognições, afectos e comportamentos, pois é a força que os dirige para realizar algo na sua vida. Outro aspecto é a existência de três tipos de regulações do comportamento na teoria da auto-determinação que são: a motivação intrínseca, a extrínseca e a amotivação (Daley & Duda, 2006; Duda, Ntoumanis, & Smith, 2007).

A motivação intrínseca é o motor que leva as pessoas a moverem-se e a sentirem vontade própria de praticarem desporto ou actividade física (Biddle & Mutrie, 2001; Duda, Edmunds, & Ntoumanis, 2008), os objectivos escolhidos por estes atletas são controláveis e dirigidos para a tarefa (Deci & Ryan, 1985, 2000, 2002; Adie, Duda, & Ntoumanis, 2008), as suas expectativas adaptam-se a nível cognitivo, afectivo e comportamental (Nicholls, 1984; Duda, 2001). Desta forma podemos afirmar que a sua orientação motivacional se dirige para a tarefa, pois estes desportistas definem o seu sucesso através da construção da sua competência, focando-se em si mesmos, fazendo uso de objectivos que lhes permitam otimizar o seu rendimento e assim atingirem a mestria.

Já a motivação extrínseca (Biddle, Chatzisarantis, Spray, & Wang, 2002), pode ter vários níveis de auto-determinação que vão desde o diminuto até elevado, observando-se de diversos modos (i.e. pratica desporto devido a factores como a fama, a aceitação e o

reconhecimento social). Estes desportistas são voltados para o ego, sendo que o meio e as várias situações que vão ocorrendo, influenciam a sua adaptação psicológica ou a falta dela, dependendo sempre da forma como interpretam a sua própria habilidade (Nicholls, 1984; Duda, 2001; Biddle, Chatzisarantis, & Georgiadis, 2001), isto é, o desportista vive dependente de factores como a derrota, a vitória, dos comportamentos de treinadores e dos seus colegas, para avaliar se tem capacidades ao praticar essa modalidade desportiva e assim se sentirem superiores na sua capacidade. Para reforçar estas ideias Deci e Ryan (1985) propuseram um *continuum* relacionado com a motivação extrínseca e a sua regulação que poderá, desta forma ser verificada. Quanto aos géneros de regulações da motivação extrínseca existem quatro: a external, introjectada, identificada e a regulação integrada (Balaguer, Castillo, & Duda, 2008). A primeira está relacionada com pressões externas; a introjectada refere-se à pressão sentida para evitar a culpa (Biddle, 1999; Biddle, & Wang, 2003; Duda, & Nikos, Ntoumanis, & Standage, 2005; Duda, Edmunds, & Ntoumanis, 2007; Gillison, Osborn, Standage & Suzanne, 2009); já a identificada associa-se com os valores pessoais e objectivos, a regulação integrada, que consiste em comportamentos assimilados pelo *Self*, sendo avaliados e associados a necessidades e valores da pessoa (Deci, & Ryan, 2000), ou seja, a pessoa identifica-se com aquela motivação a tal ponto, que a sua capacidade ou incapacidade na prática da actividade motivadora é reforçada desta forma. Por último, verifica-se o conceito de amotivação onde os índices motivacionais no sujeito são baixos, pois não percebe a associação entre as acções e os efeitos (Fortier, & Vallerand, 1998; Daley, & Duda, 2006; Biddle et. al. 2006), ou seja, o mesmo nota que não tem nenhum objectivo para continuar a praticar aquele desporto.

Ryan e Connell (1989), defenderam que existe uma forma de se avaliar a auto-determinação de um sujeito denominado Index Relativo à Autonomia, que se trata de um modelo matemático que envolve números que ao serem somados dão-nos indicadores acerca da regulação comportamental dos sujeitos. As regulações da auto-determinação formam um *continuum*, o qual caracteriza os níveis de internalização. Se este instrumento tem valores elevados, tal significa a existência de autonomia na regulação motivacional, contudo se os índices forem baixos tal demonstra um tipo de regulação da motivação associada ao controlo.

Em suma, tanto a teoria da paixão como o construto dos objectivos de realização têm em comum a forma como o sujeito se motiva para a prática de desporto. Existem duas formas de os atletas se motivarem uma delas é por motivos internos (i.e. gosto pelo desporto, querer

aprender), outro modo verifica-se através de motivos externos (i.e. querer praticar desporto com a intenção de ganhar estatuto no seu grupo de amigos, devido às expectativas dos pais, ser um desporto praticado pela maioria das pessoas de um país e por isso o sujeito pratica-o mesmo sem lhe dar prazer). Por fim, a internalização na identidade pode ser regulada de modo controlada ou autónoma, definindo-se assim o tipo paixão se é obsessiva ou harmoniosa, e os objectivos de realização que o desportista pretende alcançar com a sua prática, se são mais orientados para o ego ou para a tarefa.

Entretanto, vamos verificar alguns estudos sobre o modelo dualístico de paixão e outros relacionados com a teoria dos objectivos de realização.

6.5. Estudos Relacionados com a Paixão e os Objectivos de Realização

Começamos com a investigação em praticantes ($n=205$) de futebol americano, que foi realizada durante uma época desportiva, durante a qual se comprovou a associação da paixão harmoniosa a afectos positivos, e dos afectos negativos com a paixão obsessiva, provando-se desta forma, que os tipos paixão se relacionam com diferentes afectos (Vallerand et al., 2003b). O autor Vallerand et al., (2003), descobriu que a paixão obsessiva é um preditor, para a pessoa se manter e persistir na prática da actividade apaixonante, neste caso no ciclismo, os atletas que sentiam paixão obsessiva continuaram a praticar esse desporto, durante o inverno em Quebec, perante temperaturas e condições climáticas rigorosas, originando-lhes assim problemas emocionais e físicos (Vallerand, & Miquelon, 2007). A predição de lesões graves em dançarinos é acentuada quando sentem PO (Fortin, Rip, & Vallerand, 2006). A patologia mental relacionada com o jogo, é outro dos temas que se associou aos tipos de paixão, sendo que a patologia mental ocorre com evidência, quando os jogadores sentem a PO, mostrando-se prejudicial para os mesmos (Vallerand et al., 2003d; Mageau et al., 2004), provando-se, deste modo a intenção cristalizada de continuarem a praticar obsessivamente essa actividade. Verificou-se também que se as pessoas sentiam paixão obsessiva pela internet, geraria conflitos nos relacionamentos entre casais, contudo, quem sente paixão harmoniosa, não se observa a existência de discordâncias entre casais, devido à internet (Blanchard, Laliberté, Pelletier, Séguin-Lévesque, & Vallerand, 2003). Finalmente verificou-se a média de ($M=4,92$) na PH segundo Halvari e Skjerkol (2009), foram 190 os praticantes deste estudo, as idades situavam-se entre os 22 anos, com os quais estudaram que a autonomia dos atletas

associa-se com a actividade física e o rendimento desportivo que é mediado pela paixão no desporto, motivação, competência, concluindo-se que a PH está positivamente relacionada com a prática de actividade física e com a performance desportiva.

Assim, poderemos concluir que esta temática abrange várias áreas que são: o bem-estar psicológico, a performance desportiva, a desistência e a continuidade na prática do desporto (Vallerand & Miquelon, 2007). Por outro lado, Wang, Liu, Chye, e Chatzisarantis (2011), verificaram em 1074 estudantes, com idades entre os 12 e 14 anos, que existiam média de PH (M=4,32) e de PO de (M=3,42), significativamente diferentes cujo o tema foi perceber a motivação para os jogos da internet, dos jovens de Singapura e qual o papel da paixão, comprovou-se que as regulações introjectadas, externas e identificadas estão positivamente relacionadas com a PO, enquanto que a PH associa-se positivamente a estados de *Flow*, e às motivações intrínsecas.

Fazendo menção a diversas investigações, começando por Carpentier, Mageau e Vallerand (2011), referem haver médias de PH de (M=5,58) e de PO (M=4,14), com a qual existe associações positivas nas ruminações, e entre o *flow* e a PH proporcionando bem-estar ao indivíduo, este estudo utilizou a amostra de 172 estudantes, entre os 17 e 32 anos. Noutra investigação (Carpentier, Mageau e Vallerand, 2011), verificaram-se médias de PH com (M=4,36) e de PO (M=2,20), no papel da auto-estima e a distinção de PH e PO, em 40 jogadores de cartas, entre os 12 e 40 anos, pessoas com PH sentiam que não tinham oscilações na sua auto-estima, já os que sentiam PO a sua auto-estima sofria altos e baixos. Quanto a Curran, Appleton, Hill, e Hall (2011) verificaram-se índices médios de PH (M=5,48) e de PO (M=5,04), em 149 jovens atletas praticantes de futebol, com média de idade situada em (M=16,2).

Em relação à teoria dos objectivos de realização, é um conceito multidimensional, que permite saber qual é o grau de intensidade com que a pessoa valoriza a sua habilidade, competência, a sua percepção de sucesso ou de insucesso, através da avaliação dos outros e a que atribui a si mesmo (Ferrer-Caja, & Weiss, 2002). Como já sabemos, esta teoria defende a existência de dois tipos de objectivos (Nicholls, 1984, 1989) os que se direccionam para a Tarefa e para o Ego (Duda, 2001; Nicholls, 1984). Na investigação de Boyce, Ann, Gano-Overway, Lori e Campbell (2009), participaram 128 atletas estudantes, com uma media de idades situada nos 12,74, que se orientavam motivacionalmente para a Tarefa (M=4,14) do que para o Ego (M=2,50). Um estudo de Rodrigues, Lázaro, Fernandes e Vanconcelos-

Raposo (2009), em alpinistas de ambos os géneros, com 20 e 61 anos de idade, o tema foi a caracterização dos níveis de negativismo, activação, auto-confiança e orientações motivacionais de alpinistas, não se verificaram diferenças significativas nos grupos, nem no Ego ($P=0,378$), nem na Tarefa ($P=0,586$). Em relação à investigação de Lavoie e Stellino (2008), em 259 atletas de hóquei no gelo norte americanos, divididos em grupos por escalões, cujo o tema foi a relação entre clima motivacional criado pelos familiares dos atletas e o reflexo dos comportamentos desportivos bons e menos bons, que se observam nos desportistas com médias de idades de ($M=12,74$), vimos resultados médios de Ego com ($M=2,87$) e de Tarefa ($M=4,24$). Já em Gomes (2006) tivemos um estudo entre 250 atletas de futebol dos escalões Juniores B média de Tarefa ($M=4,08$) e A valores médios de Tarefa ($M=4,23$), com média de idades de ($M=16,71$), para avaliar a sua motivação para a prática do futebol, não se verificando diferenças no Ego ($P=0,74 > sig=0,05$), mas sim na tarefa ($P=0,02 < sig=0,05$). Já Dorogi, Szabo, & Bognár (2008), revelaram a existência de valores médios para o Ego com ($M=3,46$) e de Tarefa ($M=3,28$), em praticantes de desporto universitários húngaros, do género masculino, com média de idades média de ($M=32,9$). Num estudo de Figueiredo, Gonçalves, Silva, e Malina (2009), os participantes teriam entre os 11 e 14 anos, que compararam escalões (11-12) juniores D e juniores C (13-14) em futebol, para saberem a sua orientação motivacional, observaram-se diferenças significativas no Ego ($F=4,91$; $P=0,01$), e médias nos juniores D de Ego ($M=2,0$) e Tarefa ($M=4,3$) e nos juniores C no Ego ($M=1,8$) e ($M=4,2$) na Tarefa, verificando-se médias superiores de Tarefa em relação ao Ego.

Em suma, nota-se médias superiores de PH, PO, Tarefa em populações mais jovens e maiores valores médios de Ego naquelas que têm mais idade. Salienta-se ainda que na bibliografia consultada, a pouca existência de estudos que comparem escalões, especialmente para os tipos de Paixão, e que sejam aplicadas em praticantes de futsal e de futebol, por isso tivemos de comparar resultados tendo em conta a idade dos intervenientes dos estudos ser semelhante à do nosso, embora nem sempre seja possível.

Em seguida, vamos descrever os problemas, objectivo e hipóteses para o estudo 2.

7. Estudo 2 – Problemas, Objectivos e Hipóteses

Verifiquemos os problemas e as hipóteses para o estudo 2.

Depois do enquadramento teórico, passemos a várias questões centrais que se inserem nos problemas deste estudo:

7.1. Problemas

P1 – Será que a idade tem um papel diferenciador no modo como os atletas de futsal e de futebol sentem a Paixão Harmoniosa e Obsessiva?

P2 – Será que a idade dos desportistas de futsal e de futebol tem um papel diferenciador na forma como os desportistas orientam os seus objectivos de realização?

P3 – Será que os escalões competitivos têm um papel de distinção no modo como os atletas de futsal e de futebol sentem os tipos de paixão?

P4 – Será que os escalões competitivos têm um papel de distinção no modo como os desportistas de futsal e de futebol orientam os seus objectivos de realização?

7.2. Objectivo do Estudo 2

Por conseguinte, no estudo 2, pretendemos atingir este objectivo:

O1 – Estudar se as variáveis idade e escalões dos praticantes de futsal e de futebol, têm um papel diferenciador quanto ao tipo de paixão e de orientação motivacional demonstrada por estes atletas.

7.3. Hipóteses:

Agora vamos formular as seguintes hipóteses, tendo em conta a revisão de literatura que realizámos anteriormente:

H1: A idade é uma variável que influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol. Os atletas pré-adolescentes sentem mais paixão, do que os adolescentes.

H2: A idade é uma variável que influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. Os atletas com menos idade para a Tarefa, do que os desportistas com mais idade;

H3: O escalão é uma variável que influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol. Os desportistas mais novos sentem mais paixão, do que os atletas com mais idade;

H4: O escalão é uma variável que influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. Os atletas com menos idade orientam-se mais para a Tarefa, do que os desportistas com mais idade.

8. Estudo 2 – Comparação entre a paixão no desporto e orientação motivacional

8.1. Participantes

Foram (N=120) os participantes do nosso estudo, seleccionados por conveniência, atletas de futsal ($n=60$) e de futebol ($n=60$) (Quadro 3). Neste estudo vamos proceder à divisão dos grupos, utilizando como critério a idade do praticante, sendo que o primeiro grupo, que é o dos pré-púberes, situa-se entre os 12 e os 15 anos ($n=53$) e o segundo, o dos púberes, entre os 16 e 19 anos ($n=67$) (Quadro 4), com um intervalo de idades entre os 12 e 19 anos, média de idades de ($M=15,73$) anos, desvio padrão de ($DP=1,675$) (como uma amplitude de 7 anos, e a distribuição da amostra afasta-se cerca de 1,5 anos da sua média de idades), o género dos atletas é masculino.

Outro critério de agrupamento dos atletas consistiu em inseri-los no seu escalão, correspondente à sua idade, assim nos Juniores C temos ($n=40$), no B ($n=40$) e no A ($n=40$) (Quadro 5).

Quadro 3 – Análise descritiva dos participantes do estudo

Desporto	Escalões	Género	N	Min-Máx	M±SD
Futebol	Juniores C	Masculino	20	14-16	14,65±0,59
	Juniores B	Masculino	20	14-17	15,75±0,79
	Juniores A	Masculino	20	17-19	17,55±0,60
Total			60		
Futsal	Juniores C	Masculino	20	12-15	13,25±0,85
	Juniores B	Masculino	20	15-16	15,55±0,51
	Juniores A	Masculino	20	16-18	17,60±0,60
Total			60		
			Total	Min-Máx Geral	M±SD Geral
			120	12-19	15,73±1,68

8.2. Variáveis

As variáveis dependentes deste estudo são: a Paixão Harmoniosa, Paixão Obsessiva e a Tarefa e o Ego, quanto às variáveis independentes consistem: na idade dos praticantes, nos escalões (Juniores C, B e A) e nas modalidades desportivas futsal e futebol.

8.3. Instrumentos

8.3.1. Apresentação da Escala de Paixão no Desporto

Esta escala já foi apresentada no estudo anterior.

8.3.2. Apresentação do Questionário de Orientação Motivacional

O Questionário de Orientação Motivacional no Desporto - TEOSQp, traduzido para a Língua Portuguesa por Fonseca e Biddle (1996) do original de Duda e Nicholls (1989), que tem como objectivo avaliar os objectivos de realização dos jovens atletas que praticam desporto (Fonseca & Brito, 2005). Os factores deste questionário são 2 composto por 13 itens com o Ego a ter 6 (itens 1,3,4,6,9,11), como exemplo de um item para este factor temos o 1 “Sou o único que consegue executar as técnicas” e a Tarefa a ter 7 (itens 2,5,7,8,10,12,13), no item 13 refere “Faço o meu melhor”. Os Alphas de Cronbach de 0.85 (Ego) e de 0.77

(Tarefa), avaliados por uma escala de *likert* entre 1 (Discordo Totalmente) e 5 (Concordo Totalmente) (Fonseca & Brito, 2005).

8.4. Métodos e Procedimentos

Este ponto é similar ao do estudo 1.

8.5. Procedimentos Estatísticos

Irá ser realizada a análise descritiva (média, desvio padrão).

Os testes estatísticos utilizados vão ser: o *Levene* para analisar a homogeneidade das variâncias, o *t-teste de student* para amostras independentes, para desta forma se verificar existência de diferenças médias nos dois grupos, um de atletas pré-adolescentes e outro composto por adolescentes no Ego, Tarefa e nos tipos de Paixão.

Para testar a existência de diferenças nos 3 grupos por escalão, vamos usar a Anova Oneway e o teste *Tukey*, para multi-comparações dos grupos, assumindo que as variâncias são homogéneas.

A normalidade da distribuição dos casos é garantida quando o $n > 30$ em cada um dos grupos, o nível de significância é de $P < 0.05$ e os intervalos de confiança de 95% ou 99%, pois deste modo garantimos a fiabilidade do nosso trabalho científico (Leitão, 2002; Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro & Pestana, 2005).

8.6. Análise e Discussão dos Resultados

8.6.1. Influência da Idade na Paixão no Desporto e na Orientação Motivacional

Análise Descritiva

Na análise descritiva (ver Quadro 4) observámos estes valores médios: no grupo de atletas pré-adolescentes, temos para o Ego a média de ($M=2,75$; $DP=0,69$), na Tarefa têm ($M=4,31$; $DP=0,49$), PH temos valores médios na ordem de ($M=5,90$; $DP=0,83$), na PO a média é de ($M=5,12$; $DP=1,18$). Quanto aos adolescentes de observa-se uma média ($M=2,94$; $DP=0,84$) de Ego, e de ($M=4,11$; $DP=0,49$) na Tarefa, já a PH temos valores médios na ordem de ($M=5,50$; $DP=0,69$), por fim vem a PO com ($M=4,65$; $DP=1,09$).

Em suma, existem indicadores médios, que os pré-adolescentes têm índices mais elevados na Tarefa, na PH e na PO, do que os adolescentes, sendo que estes têm valores mais elevados de Ego, do que os desportistas pré-adolescentes, porém só realizando a comparação das médias poderemos obter as respostas concretas se existem diferenças significativas nos grupos.

Análise das Diferenças

Verifiquemos então as diferenças médias significativas, nas variáveis dependentes Ego, Tarefa, PH, PO, entre os grupos de atletas pré-púberes e púberes, (ver Quadro 4).

No t-teste de *student*, que realizámos verificam-se diferenças nos grupos, nas seguintes variáveis dependentes: PH ($t = -2,812$; $p = 0,007$), na PO ($t = -2,290$; $p = 0,025$), na Tarefa ($t = -2,314$; $p = 0,022$), sendo que as médias entre os pré-adolescentes e adolescentes são consideradas diferentes e significativas, pois os pré-adolescentes apresentam valores médios de ($M = 5,90$; $DP = 0,83$), superiores aos adolescentes ($M = 5,50$; $DP = 0,69$) na PH, a inclinação para a PO também é maior nos pré-adolescentes ($M = 5,12$; $DP = 1,18$), do que nos adolescentes ($M = 4,65$; $DP = 1,09$), na Tarefa apresentam-se números médios de ($M = 4,31$; $DP = 0,49$), para os pré-adolescentes superiores aos valores dos adolescentes ($M = 4,11$; $DP = 0,48$).

Quadro 4 – Média, Desvio Padrão, Valor t, Variância e Significância, e Igualdade de média em atletas Pré-adolescentes (PA) e Adolescentes (A)

Factores	(PA)	(A)	Valor t	Valor Variância Sig.	Igualdade Médias (PA) - (P)
	(n=53)	(n=67)			
	X±DP	X±DP			
Ego	2,75±0,69	2,94±0,84	1,319	0,288**	0,190**
Tarefa	4,31±0,49	4,11±0,48	-2,314	0,585**	0,022*
Harmoniosa	5,90±0,83	5,50±0,69	-2,812	0,025*	0,007*
Obsessiva	5,12±1,18	4,65±1,09	-2,290	0,309**	0,025*

Alguns dos estudos consultados, parecem confirmar os nossos resultados, outros não.

De acordo com os autores Mageau, et al., (2011), referem haver médias de PH de ($M = 5,58$) e de PO ($M = 4,14$), assim a média de PH é significativamente superior à da PO, o que significa que nas dimensões avaliadas, os 172 estudantes, entre os 17 e 32 anos, sentiam

PH com mais intensidade do que a PO, tal como sucede no nosso estudo. Na análise da investigação de Vallerand et al., (2003b), ocorreram diferenças significativas nos grupos para a PH ($t=4,31$; $P=0,001$), na PO não se observaram diferenças significativas ($t=0,32$), confirmando os nossos resultados no caso da PH, a amostra teve 205 atletas de futebol americano, com 18 anos de média nas idades dos desportistas. Por outro lado, Wang, et al., (2011), verificaram em 1074 estudantes, com idades entre os 12 e 14 anos, a existência da média ($M=4,32$) para a PH e de PO ($M=3,42$), o que reforça os resultados da nossa investigação devido à amostra ser tão alargada. Já Carpentier, et al., (2011), verificaram médias significativas de PH com ($M=4,36$) e de PO ($M=2,20$), em 40 jogadores de cartas, entre os 12 e 40 anos.

Segundo Boyce, et al., (2009), participaram 128 atletas estudantes, com uma média de idades situada nos 13 anos, que se orientavam motivacionalmente mais para a Tarefa ($M=4,14$), do que para o Ego ($M=2,50$), havendo diferenças significativas, tendo em conta que as idades se aproximam das existentes no nosso estudo, os resultados são similares. Em relação a Dorogi, et al., (2008), revelaram a existência de valores médios para o Ego com ($M=3,46$) e de Tarefa ($M=3,28$), em praticantes de desporto universitários húngaros, do género masculino, com média de idades média de ($M=32,9$), torna-se pertinente compreender que a idade, e a cultura, podem ser factores de originaram a diferenciação, na comparação com os nossos resultados, confirmando-se a tese, de que quanto mais o atleta aumenta de idade menor e a sua orientação para Tarefa.

8.6.2. Influência do Escalão de Formação na Paixão do Desporto e na Orientação Motivacional

Análise Descritiva

Na análise ao pressuposto da homogeneidade das variâncias utilizámos o teste de *Levene*, a amostra em cada grupo como é maior que trinta assume-se que exista normalidade na distribuição (Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro, & Pestana, 2005).

Como as variâncias na Tarefa, PH e PO são iguais, só na dimensão Ego vamos usar os valores que não assumem as variâncias como iguais, todavia de acordo com Pestana e Gageiro (2005), como temos três grupos com uma amostra igual ($n=40$) e acima dos trinta

elementos o teste Anova (Quadro 5), para comparação de médias é suficientemente robusto, para que não haja violação da normalidade na distribuição. Assim vamos assumir que as variáveis dependentes, têm uma distribuição normal em todos os grupos, podendo desta forma avançar-se com a análise dos dados.

Também vamos realizar uma comparação de médias multivariada, fazendo uso do teste *Tukey*, no qual iremos verificar se existem diferenças significativas de médias de Ego, Tarefa, PH e PO, nos escalões (ver Quadro 6) (Maroco, 2003; Pereira, 2004; Gageiro & Pestana, 2005).

As médias e os desvios padrões dos factores nos nossos grupos são descritas em seguida.

No Ego para os juniores C temos uma média de (M=2,72; DP=0,68), nos juniores B de (M=2,95; DP=0,97), nos juniores A verifica-se uma média de (M=2,90; DP=0,65), observando-se nos juniores B valor de média superior no Ego. No que se refere à Tarefa verificamos uma média de (M=4,31; DP=0,45), nos juniores C, nos juniores B temos valores de média de (M=4,36; DP=0,43), finalmente nos juniores A vê-se uma média de (M=3,93; DP=0,44); quanto à PH temos de média (M=5,94; DP=0,79), nos juniores C, nos juniores B obtemos uma média de (M=5,70; DP=0,79), nos juniores A vemos uma média de (M=5,40; DP=0,66), agora verificamos que a média é superior na Paixão Harmoniosa no escalão de Juniores C, a última dimensão é a PO, com (M=5,13; DP=1,23), nos Juniores C, com média de (M=4,76; DP=1,20), atribuída aos Juniores B, nos Juniores A (M=4,72; DP=1,01), sendo que os juniores C os que têm mais valor médio de PO.

Em síntese, à medida que os atletas vão subindo de escalão e a sua idade aumenta, a sua intensidade de paixão e orientação motivacional diminui face ao desporto, ou seja, a sua envolvimento na prática desportiva, começa a ser menor.

Análise das Diferenças

Agora vamos analisar se existem diferenças entre os valores de Paixão Harmoniosa e Obsessiva e na Orientação Motivacional (Ego e Tarefa) nos escalões, para tal se sucedesse foi utilizado o teste Anova (ver Quadro 5).

Na Tarefa temos valores de ($P=0,000<sig=0,05$), na Paixão Harmoniosa ($P=0,006<sig=0,05$), sendo que as médias entre os escalões são assumidas como distintas e

estatisticamente significativas, são os juniores B, que demonstram maior valorização da orientação motivacional para a Tarefa com ($M=4,36$; $DP=0,43$), na variável dependente PH, vemos que, as médias nos grupos são consideradas estatisticamente significativas, verificando-se nos juniores C ($M=5,94$; $DP=0,79$) maior sentimento de PH.

Quadro 5 – Média, Desvio Padrão, Variância e Significância Anova nos escalões competitivos

Factores	Juniores C (n=40) X±DP	Juniores B (n=40) X±DP	Juniores A (n=40) X±DP	Anova Sig.	Teste Levene Homogeneidade Variâncias
Ego	2,72±0,68	2,95±0,97	2,90±0,65	0,372**	0,005*
Tarefa	4,31±0,45	4,36±0,43	3,93±0,44	0,000*	0,957**
Harmoniosa	5,94±0,79	5,70±0,79	5,40±0,66	0,006*	0,214**
Obsessiva	5,13±1,23	4,76±1,20	4,72±1,01	0,212**	0,204**

* $P<0.05$ – Médias e variâncias diferentes nos grupos

** $P\geq 0.05$ – Médias e variâncias iguais entre os grupos

De acordo com Rodrigues et al., (2009), em alpinistas de ambos os géneros, com 20 e 61 anos de idade, não se verificaram diferenças significativas na Tarefa ($P=0,586$), devido à população e a idade serem distintas da nossa.

Em relação à investigação de Lavoie e Stellino (2008), em 259 atletas de hóquei no gelo norte americanos, com médias ($M=12,74$) de idade, divididos em grupos por escalões, vimos resultados médios significativos de Tarefa com ($M=4,24$), muito aproximados dos nossos valores de média.

No estudo de Vallerand et al., (2003), verificaram-se diferenças significativas para a PH ($t=4,31$; $P=0,001$), nos grupos em 205 atletas de futebol americano, com uma média de 18 anos, resultados que confirmam os nossos resultados, dado a idade dos praticantes ser muito aproximada.

Em relação a Curran, et al., (2011) verificaram-se índices médios significativos de PH ($M=5,48$), em 149 jovens atletas praticantes de futebol, com média de idade de 16 anos. O que proporciona maior sustentabilidade em relação às hipóteses formuladas na nossa investigação.

Em suma a maioria dos resultados das investigações aqui mencionadas, são similares aos da nossa investigação.

Análise Multivariada das Diferenças

Este teste Post Hoc, servirá para compreendermos claramente as diferenças entre escalões, no que se refere às variáveis dependentes (ver Quadro 6).

Na Tarefa temos valor de ($P=0,000<sig=0,05$), sendo que as médias são diferentes significativamente entre juniores A e B, apresentando os juniores B ($M=4,36$; $DP=0,43$), também existem diferenças significativas entre juniores A e C ($P=0,001<sig=0,05$), pois as médias são estatisticamente diferentes e significativas, os juniores C ($M=4,31$; $DP=0,45$), demonstram maior orientação motivacional para a Tarefa; quanto à variável dependente PH, verificam-se valores entre os juniores A e C de ($P=0,004<sig=0,05$), sendo que as médias são estatisticamente significativas, e os juniores C ($M=5,94$; $DP=0,79$), sentem mais Paixão Harmoniosa.

Quadro 6 – Múltiplas comparações de médias significativas nos escalões

Variável Dependente	Escalão Competitivo	Escalão Competitivo	Diferenças Médias	Sig.
Tarefa	Junior C	Junior A	,37857	,001*
	Junior B	Junior A	,42143	,000*
Harmoniosa	Junior C	Junior A	,54949	,004*

* $P<0.05$ – Médias diferentes nos grupos

As várias investigações consultadas vão ao encontro dos nossos resultados, mesmos tendo sido aplicados em diferentes populações e desportos.

De facto, segundo o estudo de Gomes (2006), verificaram-se diferenças significativas na Tarefa ($P=0,02<sig=0,05$), entre atletas de futebol dos escalões Juniores B ($M=4,08$) e A ($M=4,23$), é bom verificar que os juniores A têm uma média superior aos juniores B, facto que pode ter ocorrido devido a termos agrupado atletas de futsal e de futebol na nossa amostra e este estudo ser unicamente em atletas de futebol.

Num estudo de Figueiredo, et al., (2009), os participantes teriam entre os 11 e 14 anos, foram comparados diferentes escalões (11-12) juniores D e juniores C (13-14), em futebol,

para saberem qual era a sua orientação motivacional, observaram-se diferenças significativas no Ego ($F=4,91$; $P=0,01$), e médias nos juniores D de Ego ($M=2,0$) e Tarefa ($M=4,3$) e nos juniores C no Ego ($M=1,8$) e ($M=4,2$) na Tarefa, verificando-se médias superiores de Tarefa em relação ao Ego. Estas médias reforçam a ideia, que em populações mais jovens a orientação motivacional para a Tarefa é elevada.

Finalmente verificou-se média de ($M=4,92$) na PH, foram 190 a população do estudo, a média de idades foi de 22 anos (Halvari, & Skjokol, 2009).

A apresentação de resultados e a sua discussão termina neste preciso momento. Vejamos as conclusões deste estudo.

9. Conclusões Estudo 2

Segundo os resultados atingidos nesta investigação, concluímos que:

1. A idade influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol.

Estas diferenças nos grupos e os valores médios significativos dos tipos de paixão são superiores na pré-adolescência (12-15 anos), o que pode significar que nestas idades se verifica maior envolvimento no desporto. Já na questão da adolescência começa a notar-se menor valorização da prática desportiva no desportista, na medida em que começam a ter de optar por outras actividades da sua vida, deste modo os atletas adolescentes preferem reforços externos, que o desporto lhes pode proporcionar e os pré-adolescentes orientam-se para a aprendizagem e para o prazer da prática desportiva, concluindo-se que a idade tem influência no tipo de paixão que sentem os desportistas.

2. A idade influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. Os desportistas pré-adolescentes têm mais predisposição para a orientação motivacional para a Tarefa, do que os adolescentes.

3. O escalão influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol.

Os Juniores B, também são os mais orientados para a Tarefa, depois os Juniores C e por último os Juniores A, assim verificamos nos Juniores B, uma acentuada orientação motivacional para a Tarefa, pois estes atletas dão relevância à sua aprendizagem, evolução e prazer na prática de actividades desportivas, depois os Juniores C e por fim os Juniores A.

4. **O escalão influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol.**

Os Juniores B são os que mais orientam a sua motivação para a Tarefa, depois os Juniores C e por último os Juniores A, assim verificamos nos Juniores B, uma acentuada orientação motivacional para a Tarefa, pois estes atletas valorizam as aprendizagens, evolução e prazer na prática de actividades desportivas, depois os Juniores C e por fim os Juniores A.

10. Conclusões Gerais

Passemos à conclusões gerais, tendo como base os objectivos do estudo 1 e 2.

No estudo 1 podemos verificar que a estrutura da escala de Paixão (Vallerand et al., 2003), na nossa investigação se mantém igual à da original, com os itens 1,2,3,4,5,6,7, para a PH e os itens 8,9,10,11,12,12,14, associados à PO, sendo que os alphas de Cronback com uma consistência interna considerada boa para os dois factores PH ($\alpha=.868$) e PO ($\alpha=.915$), o que denota boas qualidades psicométricas da nossa AFE, porém será necessário a realização uma Análise Factorial Confirmatória, pois só desta forma poderemos aplicar, com total confiança, a escala de Paixão no desporto português.

Em relação ao estudo 2, tendo em conta o objectivo e hipóteses formuladas, concluímos que existem diferenças estatisticamente significativas, ou seja, os 120 atletas de futebol e de futsal, são influenciados pela idade e escalão no tipo de paixão que sentem e na forma como orientam os seus objectivos motivacionais.

Passemos a responder às hipóteses do estudo 2:

a) **Influencia da idade no tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol:**

No t-test observamos diferenças nos atletas pré-adolescentes e adolescentes tanto variável dependente PH ($t= -2,812$; $p=0,007$) como na PO ($t=-2,290$; $p=0,025$), assim aceitamos a hipótese que formulámos: *“A idade é uma variável que influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol. Os atletas pré-adolescentes sentem mais PH e PO, do que os adolescentes.”*

b) **Influencia da idade na orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol.**

Na Tarefa verifica-se ($t= -2,314$; $p=0,022$) no t-teste, o que quer dizer que há

diferenças nos grupos estatisticamente significativas, desta forma aceitamos a hipótese que formulámos: *“A idade é uma variável que influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. Os atletas pré-púberes têm maior tendência para se orientarem motivacionalmente para a Tarefa do que os púberes.”*

c) **Influencia do escalão no tipo de paixão sentida por atletas de futsal e de futebol.**

No teste Anova Oneway para comparação de escalões, na sua significância temos para a Paixão Harmoniosa um p de ($P=0,006 < sig=0,05$), deste modo aceitamos a hipótese que formulámos: *“O escalão é uma variável que influencia o tipo de paixão sentida pelos atletas de futsal e de futebol. São os juniores C que demonstram maior sentimento de PH, em relação aos juniores A e B.”*

d) **Influencia do escalão na orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol.**

Na Tarefa temos valores de p com ($P=0,000 < sig=0,05$) para a Anova Oneway, sendo assim é estatisticamente significativa, a diferença entre escalões existe, então aceitamos a hipóteses que formulámos: *“O escalão é uma variável que influencia a orientação motivacional dos atletas de futsal e de futebol. São os juniores B que demonstram mais orientação motivacional para a Tarefa, em relação aos juniores A e C.”*

Em síntese, todos os resultados indicam que existe influência da idade e do escalão competitivos em que se inserem os nossos atletas, isto é, os pré-adolescentes sentem mais Paixão pelo desporto e os adolescentes menos, o que pode indicar a maior envolvimento por parte dos primeiros no desporto, por outro lado à medida que o atleta vai subindo de escalão mais os seus objectivos motivacionais se relacionam com o Ego (Boyce, et al., 2009; Dorogi et al., 2009; Figueiredo et al, 2009), devido à fase característica que estão a passar na sua vida (egocentrismo, valorização dos pares, procurar a sua identidade perante a sociedade e ele mesmo), também existem outras prioridades nas suas vidas, tais como: as namoradas, as escolhas escolares, a entrada no mercado de trabalho, a preferência por outras actividades desportivas, a vontade de estarem com os amigos.

Referências Bibliográficas

Adie, J., Duda, L., & Ntoumanis, N. (2008). Autonomy support, basic need satisfaction and the optimal functioning of adult male and female sport participants: A test of basic needs theory. *Motivation and Emotion*, 32, 189-199.

Amiot, E., Blanchard, M., & Vallerand, R., J. (2006). Passion and psychological adjustment: A test of the person-environment fit hypothesis. *Society for Personality and Social Psychology*, 32, 220-229.

Aizava, P., Oliveira, L., & Vieira, L. (2010). Análise da Motivação no Contexto Brasileiro de Basquetebol. In de Moiolli, A.(Eds), *Actas do II Congresso Brasileiro de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana Rio Preto - Brasil* (pp. 129). Laboratório de Estudo e Pesquisa Em Psicologia do Desporto: Rio Claro: UNESP.

Retirado de: http://www.psicologiadoesporte.esp.br/Pdf/REVISTA_CBPAEMH_2010.pdf

Alves, J., Cid, L., Dosil, J., Leitão J., & Moutão J. *Translation e and Preliminary Study about Validity of the Portuguese version of Attitudes towards Physical Activity and Sport Scale (EAFFD)*. Rio Maior e Vigo: ESDRM e UV.

Alves, J., Cid, L., Leitão J., & Moutão, J. (2008). Tradução e Validação Preliminar da versão Portuguesa da “Goal Orientation in Exercise Measure” (GOEMp). In de Joaquin Dosil, Joaquin Diaz e Isabel Diaz (Eds), *Actas do II Congresso da Sociedade Iberoamericana de Psicologia do Desporto Torrelavega - Espanha*. Rio Maior e Trás os Montes e Alto Douro: ESDRM e UTAD. (Formato CD Rom).

Alves, J., Cid, L. Moutão J, Sobreiro, P., & Raposo, V. (2007). Translation and preliminary study about validity of the Portuguese version of *Goal Orientation in Exercise Scale (GOES)*. In the Yannis Theodorakis Marios Goudas e Athanasios Papaioannou (Eds), *Actas do 12th European Congresso of Sport Psychology– Grécia* (pp. 344). Escola Superior de Desporto de Rio Maior.

Retirado

de:http://www.pe.uth.gr/synedria/fepsac2007/downloads/FEPSAC_Book_of_Abstracts.pdf

Ames, C. (1992). Achievement goals, motivational climate, and motivational processes. In G. Roberts (Ed.), *Motivation in sports and exercise* (pp. 161-176). Champaign Illinois: Human Kinetics Books.

Ames C., & Archer, J. (1987). Mothers beliefs about the role of ability and effort in school learning. *Journal of Educational Psychology*, 79, 409-414.

Ames, C. (1992). Classrooms: Goals, structures, and student motivation. *Journal of Educational Psychology*, 84, 261 – 271.

Philippe, L., Vallerand, R., Andrianarisoa, J., & Brunel, P. (2009). Passion in Referees: Examining Their Affective and Cognitive Experiences in Sport Situations. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31, 77-96.

Aron, A., Aron, E., & Smollan, D. (1992). Inclusion of other in the self scale and the structure of interpersonal closeness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 596–612.

Banville, D., & Desrosiers, P. (2000). Translating Questionnaires and Inventories Using a Cross-Cultural Translation Technique. *Journal of Teaching in Physical Education*, 19, 374-387.

Biddle, S. (1999). Motivation and perceptions of control: Tracing its development and plotting its future in exercise and sport psychology. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 21, 1-23.

Biddle, S., Chatzisarantis, N., Spray, C., & Wang C. (2006). Understanding motivation in sport: An experimental test of achievement goal and self determination theories. *Journal European of Sport Science*, 6, 43-51.

Biddle, S., & Mutrie, N. (2001). Motivation through feelings of control. *Psychology of physical activity* (pp. 49–84). London: Routledge.

Biddle, S., & Wang, C. (2003). Motivation and self-perception profiles and links with physical activity in adolescent girls. *Journal of Adolescence*, 26, 687-701.

Biddle, S., Wang, C., Kavussanu, M., & Spray, C. M. (2003). Correlates of achievement goal orientations in physical activity: A systematic review of research. *European Journal of Sport Science*, 3, 1 – 20.

Brito, A., & Fonseca, A. (2005). A questão da adaptação transcultural de instrumentos para a avaliação psicológica em contextos desportivos nacionais – Caso do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ). *Journal Psychologica*, 39, 95 – 118.

Boyce, B., Gano-Overway, Lori A., & Campbell (2009). Amanda Love'Perceived Motivational Climate's Influence on Goal Orientations, Perceived Competence, and Practice Strategies across the Athletic Season', *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, 381 — 394.

Brunel, P, & Andrianarisoa, J. (2007). On the relative role of hamonious and obsessive passion in referees psychchological well-being. In Y. Theodorakis, M. Goudas, e A. Papaioannou (Eds), *Book of Abstracts of 12th European Congress of Sport Psychology* (pp. 183). Halkidiki, Greece: FEPSAC.

Brustad, R. (1993). Youth in sport: psychological considerations. In R. N. Singer, M. Murphey, e L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 695-717). New York: Macmillan.

Nuno, M. (1994). *Manual do Educador Desportivo* (Thill, Thomas e Caja, Trans.). Lisboa: Dinalivro. (Obra Original Publicada 1989)

Carbonneau, N. Vallerand, R., & Massicotte, S. (in press). Is the practice of Yoga associated with positive outcomes? The role of passion. *The Journal of Positive Psychology*.

Carpentier, J., Mageau, G., & Vallerand, R. J., (2011). The role of self-esteem contingencies in the distinction between obsessive and harmonious passion. *European Journal of Social Psychology*. DOI: 10.1002/ejsp.798

Carpentier, J., Mageau, G., & Vallerand, R. J., (2011). Ruminations and Flow: Why Do People with a More Harmonious Passion Experience Higher Well-Being? *Journal of Happiness Studies*. DOI: 10.1007/s10902-011-9276-4.

Cashmore, E. (2002). *Sport Psychology: the key concepts*. Londres: Routledge.

Chatzisarantis, N., & Biddle, S. (1998). Functional significance of psychological variables that are included in the Theory of Planned Behaviour: A Self-Determination Theory approach to the study of attitudes, subjective norms, perceptions of control and intentions. *European Journal of Social Psychology*, 28, 303-322.

Chian, L., & Wang, C. (2008). Motivational Profiles of Junior College Athletes: A Cluster Analysis. *Journal of Applied Sport Psychology*, 20, 137–156.

Chris L., Sabiston, C., Raedeke, T., Ha A., & Sum R. (2009). Self-determined motivation and students' physical activity during structured physical education lessons and free choice periods. *Journal Preventive Medicine*, 48, 69-73.

Cruz, J. (1996). *Manual de Psicologia do Desporto*. Braga: Lusografe.

Cumming, S., Grossbard, R., Smith, Smoll, F., & Standage, M. (2008). Development and validation of the Achievement Goal Scale for Youth Sports. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 9, 686-703.

Curran, T., Appleton, P., Hill, A., & Hall, H. (in press). Passion and burnout in elite junior soccer players: The mediating role of self-determined motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 1-7. Doi:10.1016/j.psychsport.2011.06.004.

Daley, A., & Duda, J. (2006). Self-determination, stage of readiness to change for exercise, and frequency of physical activity in young people. *European Journal of Sport Science*, 6, 231-243.

Deci, E., & Ryan, R. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.

Deci, E., & Ryan R. (Eds.), *Handbook on self-determination research* (pp. 87–100). Rochester New York: University of Rochester Press.

Deci, E., & Ryan, R. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227–268.

Deci, E., & Ryan, R. (1994). Promoting self-determined education. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 38, 3-14.

Donahue, E. G., Jowett, S., Lafrenière, M. A. Lorimer, R., & Vallerand, R. (2008). Passion in Sport: On the Quality of the Coach-Athlete Relationship. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 30, 541-560.

Dorogi, L., Szabo, A., & Bognár, J., (2008). Goal Orientation And Perceived Motivational Climate In Hungarian Athletes With Physical And Visual Disabilities And In Able-Bodied Athletes. *Kinesiology*, 2, 162-169.

Dosil, J. (2004). *Psicología de la Actividade Física y del Deporte*. Madrid: McGraw-Hill

Duda, J. (2001). Achievement goal research in sport: Pushing the boundaries and clarifying some misunderstandings. In G. C. Roberts (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise* (pp. 129-182). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Duda, J. (1992). Motivation in sport setting: A goal perspective approach. In G. C. Roberts (Ed.), *Motivation in sport and exercise* (pp.37-91). Champaign Illinois: Human Kinetics.

Duda, J. (1993). Goals: A social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In R.N. Singer, M. Murphey, e L.K. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp.421-436). New York: Macmillan.

Duda, J., & Hall, H. (2001). Achievement goal theory in sport: Recent extensions and future directions. In R. N. Singer, H. A. Hausenblas, e C. M. Janelle (Eds.), *Handbook of sport psychology* (pp. 417- 443). New York, NY: Wiley.

Duda J., & Whitehead, J. (1998). Measurement of goal perspectives in the physical domain. In J.L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 21-48). Morgantown, WV: Fitness Information Tecnology.

Dweck, C. (1986). Motivational processes affected learning. *American Psychologist*, 41, 1040–1048.

Dweck, C. (1999). *Self-theories: Their role in motivation, personality, and development*. Philadelphia, PA: Psychology Press.

Dweck, C., & Leggett, E. L. (1988). A social cognitive approach to motivation and personality. *Psychological Review*, 95, 256-273.

Edmunds, J., Ntoumanis, N., & Duda, J. (2008). Testing a self-determination theory based teaching style in the exercise domain. *European Journal of Social Psychology*, 38, 375-388.

Edmunds, J., Ntoumanis, N., & Duda, J. (2007). Adherence and well-being in overweight and obese patients referred to an exercise on prescription scheme: A self-determination theory perspective. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, 722-740.

Elliot, A. (1997). Integrating the “classic ” and “contemporary” approaches to achievement motivation: A hierarchical model of approach and avoidance achievement motivation. In M. L. Maehr & P. R. Pintrinch (Eds.), *Advances in motivation and achievement* (pp. 143–179). Greenwich, CT: JAI Press.

Elliot, A., & Harackiewicz, J. (1996). Approach and avoidance achievement goals and intrinsic motivation: A mediational analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 968–980.

Figueiredo, A., Gonçalves, C., Silva, M., & Malina, R. (2008). Youth soccer players, 11-14 years: Maturity, size, function, skill and goal orientation. *Annals of Human Biology*, 36, 60-73.

Fonseca, A., & Biddle, J. (1996). Estudo inicial para a Adaptação do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ) à Realidade Portuguesa. In António Fonseca (Ed), *Estudos Sobre Motivação*, Porto, Edições FCDEF-UP, pp.65-67.

Fox, K., Goudas, M., Biddle, S., Duda, J., & Armstrong, N.(1994). Children's task and ego goal profiles in sport. *British Journal of Educational Psychology*, 64, 253 – 261.

Pestana, M., & Gageiro, J. (2005). *Análise de dados para ciências sociais* (4ª Ed.), Lisboa: Edições Sílabo.

Georgiadis, M., Biddle, S., & Chatzisarantis, N. (2001). The mediating role of self determination in the relationship between goal orientations and physical self-worth in greek exercisers. *European Journal of Sport Sciences*, 1, 1- 8.

Gillison F, Osborn, M, Standage M, & Skevington, S. (2009). Exploring the experience of introjected regulation for exercise across gender in adolescence. *Psychology of Sport and Exercise*, 10, 309–319.

Glasser, W. (1976). *Positive addiction*. New York: Harper e Row.

Gomes, C. (2006). *Motivação para a prática do Futebol*, FADEUP Porto. (Documento não publicado).

Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. C. (1998). *Multivariate data analysis* (5ª ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall.

Halvari, H., & Skjesol, (2009). Autonomy Support and its Links to Physical Activity and Competitive Performance: Mediations Through Motivation, Competence, Action Orientation and Harmonious Passion, and the Moderator Role of Autonomy Support by Perceived Competence. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 53, 533–555.

Hausenblas, H., & Symons Downs, D. (2002). Exercise dependence: A systematic review. *Psychology of Sport and Exercise*, 3, 89-123.

Hill, A., & Hill, M. (2005). *Investigação Por Questionário* (2ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Hodge, K., & Petlichkoff, L. (2000). Goal profiles in sportmotivation: A cluster analysis. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 22, 256 – 272.

Hatfield, E., & Walster, G. (1978). *A new look at love*. Reading, MA: Addison-Wesley.

Hodgins, H., & Knee, R. (2002). The integrating self and conscious experience. In E. L. Deci e R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 87-100). Rochester, NY: University Of Rochester Press.

Inhelder. B., & Piaget, J. (1958). *The Growth of Logical Thinking from Childhood to Adolescence*. New York, NY: Basic Books.

Jowett, S., & Lavalle, D. (2007). *Social Psychology in Sport*. USA: Human Kinetics.

Lafrenière. M., Vallerand, R. J., Bélanger J., & Sedikides, C. (2011). Self-esteem and Passion for activities. *Personality and Individual Differences*, 541-544.

Kim, B. & Gill, D. (1997). A cross-cultural extension of goal perspective theory to Korean youth sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 19, 142-155.

Kahn, J. (2006). Factor Analysis in Counseling Psychology Research, Training, and Practice: Principles, Advances, and Applications. *The Counseling Psychologist*, 34, 684-718.

Korte, G., Torregrosa, M., Cruz, J., Sousa, C., Viladrich, C., Pallarés, S., Azócar, F., & Ramis, S. (2009). Passion and Motivational Orientation: it's Relationships. In A. Baria, H. Nabli, M. Madani, A. Essieedali, M. Aragon e A. Ouartassi (Eds.), *Book of Abstracts 12th World Congress of Sport Psychology* (pp. 40). Marrakech, Marroco: ISSP.

Lavoi, N. M., & Stellino, M. B., (2008). The Relation Between Perceived Parent-Created Sport Climate and Competitive Male Youth Hockey Players' Good and Poor Sport Behaviors. *The Journal of Psychology*, 142, 471–495.

Leitão, J. (2002). *Metodologia de Investigação em Educação Física e Desporto: Estatística multivariada: introdução à análise factorial*, UTAD Vila Real.

Lemyre, P., Roberts, G., Ommundsen, Y., & Abrahamsen, F. (2007). Passion and motivational patterns of youth football players. In Y. Theodorakis, M. Goudas, e A. Papaioannou (Eds), *Book of Abstracts of 12th European Congress of Sport Psychology* (pp. 182). Halkidiki, Greece: FEPSAC.

Maehr, M. L., & Nicholls, J. G. (1980). Culture and achievement motivation: A second look. In N. Warren (Ed.), *Studies in cross-cultural psychology* (pp. 221 – 267). New York: Academic Press.

Mageau, G., Carpentier, J., & Vallerand, R. (2011). The role of self-esteem contingencies in the distinction between obsessive and harmonious passion. *European Journal of Social Psychology*, recuperado em 03/09/11, 2011, de www.wileyonlinelibrary.com. DOI: 10.1002/ejsp.798

Mageau, G., & Vallerand, R. (2007). The moderating effect of passion on the between activity engagement and positive affect. *Motivation and Emotion*, 31, 312-321.

Mageau, G. A., Vallerand, R. J., Charest, J., Salvy, S. J., Lacaille, N., Bouffard, T. e Koestner, R. (2009). On the development of harmonious and obsessive passion: The role of autonomy support, activity valuation, and identity processes. *Journal of Personality*, 77, 601-645.

Mageau, G., Vallerand, R., Rousseau, F., Ratelle, C., & Provencher, P. (2005). Passion and gambling: Investigating the divergent affective and cognitive consequences of gambling. *Journal of Applied Social Psychology, 35*, 100–118.

Mageau, G., Vallerand, R., Rousseau, F., Ratelle, C., & Provencher, P. (2004). When passion leads to problematic outcomes: A look at gambling. *Journal of Gambling Studies, 35*, 105–119.

Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com utilização do SPSS* (2ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Morgan, W. (1979). Negative addiction in runners. *The Physician and Sports Medicine, 7*, 57–77.

Moutão, J. (2005). *Motivação para a prática de exercício físico. Estudo dos motivos para a prática de actividades de fitness em ginásios*. Dissertação de mestrado. Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro (documento não publicado).

Nien, C., & Duda, J. (2009). Antecedents and consequences of approach and avoidance achievement goals: A test of gender invariance. *Psychology of Sport and Exercise, 9*, 352–372.

Nicholls, J. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Nicholls, J. (1984). Achievement motivation: Conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. *Psychological Review, 91*, 328–346.

Nicholls, J. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Ntoumanis, N. (2001). Empirical links between achievement goal theory and self-determination in sport. *Journal of Sports Sciences*, 19, 397–409.
- Ntoumanis, N., Vallerand, R., e Philippe, F. (2007). You'll never walk alone: Passion in soccer fans. In Y. Theodorakis, M. Goudas, e A. Papaioannou (Eds), *Book of Abstracts of 12th European Congress of Sport Psychology* (pp. 183). Halkidiki, Greece: FEPSAC.
- Pereira, A. (2004). *SPSS Guia Prático de Utilização: Análise de dados para Ciências Sociais e Psicologia* (5^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Palmeira, A., Gomes, P., & Teixeira, P. (2004). *Validação preliminar de um instrumento de avaliação dos processos de mudança no exercício*. Paper presented at the V Congresso de Psicologia da Saúde, Lisboa.
- Palmeira, A., & Teixeira, P. (2006). *Adaptação preliminar do Behavioural Regulation in Exercise Questionnaire (BREQ-2) para a Língua Portuguesa*. Paper presented at the V Congresso Luso-Espanhol de Psicologia do Desporto, Lisboa.
- Paturet, J. (2001). Pouvoir de la passion. In Vallerand et Al. (Eds.), *Passions: Aliénation & liberté*.
- Rip, B., Fortin, S., & Vallerand, R.J. (2006). The relationship between passion and injury in dance students. *Journal of Dance Medicine & Science*, 10, 14-20.
- Roberts, G. (1984). Achievement motivation in children's sport. In J. Nicholls (Ed.), *The Development of Achievement Motivation* (pp. 251-281). Greenwich, CT: JAI Press.
- Roberts, G. (1992). Motivation in sport and exercise: Conceptual constraints and convergence. In G. C. Roberts (Ed.), *Motivation in sport and exercise* (pp. 3-29). Champaign Illinois: Human Kinetics.

Roberts, G. (1995). Motivación en el deporte y el ejercicio: limitaciones y convergencias conceptuales. En G.C. Roberts (ed.), *Motivación en el deporte y el ejercicio*. Bilbao: Descleé De Brouwer.

Roberts, G. (2001). Understanding the dynamics of motivation in physical activity: The influence of achievement goals on motivational processes. In G. C. Roberts (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise* (pp. 1-50). Champaign Illinois: Human Kinetics.

Roberts, G., & Balagué, G. (1989). The development of a social-cognitive scale of motivation. *Communication to the Seventh World Congress of Sport Psychology*, Singapore.

Roberts, G., & Balagué, G. (1991). The development and validation of the Perception of Success Questionnaire. *Communication to the 8th European (FEPSAC) Congress*, Cologne, Germany.

Roberts, G., Hall, H., Jackson, S., Kimiecik, J., & Tonymon, P. (1995). Implicit theories of achievement and the sport experience: Effect of goal orientations on achievement strategies and perspectives. *Perceptual and Motor Skills*, 81, 219-224.

Roberts, G., Treasure, D., & Balagué, G. (1998). Achievement goals in sport: Development and validation of the perception of success questionnaire. *Journal of Sport Sciences*, 16, 337-347.

Roberts, G., & Ommundsen, Y. (1996). Effect of goal orientations on achievement beliefs, cognitions and strategies in team sport. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 6, 46-56.

Roberts, G., & Treasure, D. (1995). Achievement goals, motivational climate, and achievement strategies and behaviours in sport. *International Journal of Sport Psychology*, 26, 64-80.

Roberts, G., Treasure, D., & Hall, H., (1994). Parental goal orientations and beliefs about the competitive sport experience of their child. *Journal of Applied Social Psychology*, 24, 631-645.

Roberts, G., Treasure, D., & Kavussanu, M. (1996). Orthogonality of achievement goals and its relationship to beliefs about success and satisfaction in sport. *The Sport Psychologist*, 10, 398 – 408.

Roberts, G., Treasure, D. & Kavussanu, M. (1997). In M. Maehr and P. Pintrich (Ed.), *Motivation in physical activity contexts: An achievement goal perspective. Advances in Motivation and Achievement*, (pp. 413-447). Greenwich, CT: JAI Press.

Rodrigues, A., Lázaro, J., Fernandes, H., & Vanconcelos-Raposo, J (2009). Caracterização dos níveis de negativismo, activação, autoconfiança e orientações motivacionais de alpinistas. *Motricidade*, 5, 63-86.

Rony, J. (1990). *Les passions*. Paris, PR: Presses Universitaires de France.

Rousseau, F., Vallerand, R., Ratelle, C., Mageau, G., & Provencher, P. J. (2002). Passion and gambling: On the validation of the Gambling Passion Scale (GPS). *Journal of Gambling Studies*, 18, 45–66.

Ryan, R., & Connell, J. (1989). Perceived locus of causality and internalization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 749–761.

Ryan, R., e Deci, E. (2002). An overview of self-determination theory: An organismic-dialectical perspective. In E. L. Deci, e R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 3–33). Rochester, NY: University of Rochester Press.

Ryan, R. M., e Deci, E. L. (2000). Intrinsic and extrinsic motivations: Classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25, 54-67.

Sage, G. (1977). *Introduction to motor behavior: neuropsychological approach* (2^a ed.). Reading, MA: Addison-Wesley.

Sachs, M.L. (1981). Running Addiction. In M.H. Sachs e M.L. Sachs (Eds), *Psychology of running* (pp. 116-126). Champaign Illinois: Human Kinetics.

Smith, A.,L., Balaguer, I., & Duda, J., L. (2006). Goal orientation profile differences on perceived motivational climate, perceived peer relationships, and motivation-related responses of youth athletes. *Journal of Sports Sciences*, 24, 1315-1327.

Standage, M., Duda, J., & Ntoumanis, N. (2003). A model of contextual motivation in physical education: Using constructs from self-determination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. *Journal of Educational Psychology*, 95, 97-110.

Séguin Lévesque, C., Laliberté, M., Pelletier, L., Blanchard, C., & Vallerand, R. (2003). Harmonious and obsessive passion for the internet: Their associations with the couple's relationships. *Journal of Applied Social Psychology*, 33, 197-221.

Smith, A., Ntoumanis, N., & Duda, J. L. (2007). Goal striving, goal attainment, and well-being: An adaptation of the self-concordance model in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 29, 763-782.

Standage, M., Duda J., & Ntoumanis, N. (2005). A test of self-determination theory in school physical education. *British Journal of Educational Psychology*, 75, 411-433.

Teixeira, P. (2009). *Estudo da influência do tipo de paixão na orientação motivacional dos atletas de futebol e de futsal*, ESDRM Rio Maior. (Documento não publicado)

Vallerand, R., Blanchard, C., Mageau, A., Koestner, R., Ratelle, C., Léonard, M., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les Passions d'Âme: On Obsessive and Harmonious Passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85, 756-767.

Vallerand, R., Mageau A., Elliot, A., Dumais, A., Demers, M., & Rousseau, F (2008). Passion and performance attainment in sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 9, 373-392.

Vallerand, R., & Fortier, M. (1998). Measures of intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity: A review and critique. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 81–101). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Vallerand R., & Houliort N. (2003). Passion at work: Toward a new conceptualization. In S. W. Gilliland, D. D. Steiner, e D. P. Skarlicki (Eds.), *Emerging Perspectives on Values in Organizations* (pp. 175-204). Greenwich, CT: Information Age Publishing.

Vallerand, R (1989). Vers une méthodologie de validation transculturelle de questionnaires psychologiques: implications pour la recherche en langue française. *Canadian Psychology*, 30, 662-680.

Vallerand, R. J. (2010). Optimal functioning in society: The role of passion. In M. Vansteenkiste, B. Soenens, W. Beyers, S., Hoefen, L. Haerens, E. Sierens, S., Petegem, J. V. Dorpe, D., Wuyts, C., Beiwen, E., Kins, L., Boone, N., Aelterman, K. Brenning, J., & Verstuyf, L. Berghe. *Book of Abstracts of 4th International Conference on Self-Determination Theory* (pp. 25). Ghent, Belgium: Ghent University.

Vallerand, R., Paquet, Y., Philippe, F., & Charest, J. (2010). On the role of passion in burnout: A process model. *Journal of Personality*, 78, 289-312.

Vallerand, R., Ntoumanis, N., Philippe, F., Lavigne, G., Carbbonneau, Bonneville, C., & Maliha (2009). On passion and fans: A look at football. *Journal of Sports Sciences*, 26, 1279-1293.

Vallerand, R., & Pelletier, L. (2008). Reflections on Self-Determination Theory. *Canadian Psychology*, 49, 257-262.

Vallerand, R., Rousseau, F., Grouzet, F., Dumais, A., Grenier, S., & Blanchard, C. (2006). Passion in sport: A look at determinants and affective experiences. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 454-478.

Vallerand, R., Salvy, S., Mageau, G., Elliot, A., Denis, P., Grouzet, F., & Blanchard, C. (2007). On the role of passion in performance. *Journal of Personality*, 75, 505-534.

Vroom, V., & Deci, E. (1979). *Motivación y alta dirección*. México: Editorial Trillas.

Wang C., Liu, W., Chye, S., & Chatzisarantis N., (2011). Understanding motivation in internet gaming among Singaporean youth: The role of passion. *Computers in Human Behavior*, 27, 1179–1184. recuperado em 03/09/11, 2011, de www.elsevier.com/locate/comphumbeh. DOI: 10.1016/j.chb.2010.12.012

Wang, C., Chatzisarantis, N., Spray, C., & Biddle, S. (2002). Achievement goal profiles in school physical education: Differences in self-determination, sport ability beliefs, and physical activity. *British Journal of Educational Psychology*, 72, 433–445.

Weinberg, R., & Gould, D., (2007). *Foundations of Sport and Exercise Psychology* (4ª Ed.). USA: Human Kinetics.

Weiner, B. (1992). *Human motivation: Metaphors, theories, and research*. Newbury Park, CA: Sage.

Weiss, M., & Ferrer-Caja, E. (2002). Motivational orientations and sport behavior. In T. S. Horn (Ed.), *Advances in sport psychology* (2ª ed., pp. 101 – 183). Champaign, IL: Human Kinetics.

White, S. (1998). Adolescent goal profiles, perceptions of the parent-initiated motivational climate, and competitive trait anxiety. *The Sport Psychologist*, 12, 16 – 28.

Whittaker T., & Worthington R. (2006). Scale Development Research: A Content Analysis and Recommendations for Best Practices. *The Counseling Psychologist*, 34, 806-838.

Woolfolk, A. (1996). *Psicologia educativa*. México: Prentice-Hall.

Anexo I – PSp

Passion Scale (PSp)

Vallerand, Blanchard, Mageau, Koestner, Ratelle, Leonard, Gagné & Marsolais (2003)

Instruções Gerais

Por favor, leia cuidadosamente o questionário e considerando os níveis indicados, responda às afirmações, colocando um círculo em redor do número que melhor reflecte o seu grau de concordância acerca da mesma. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas. O que realmente importa é que nos indique o que pensa com a máxima sinceridade. Todas as respostas serão confidenciais.

Neste questionário, pedimos que nos indique o tipo de paixão que sente em relação à modalidade desportiva que pratica actualmente.

	Discordo Totalmente	Discordo Bastante	Discordo	Não Concordo, Nem Discordo	Concordo	Concordo Bastante	Concordo Totalmente
1) Esta modalidade permite-me vivenciar diferentes experiências.	1	2	3	4	5	6	7
2) As coisas novas que eu descubro com esta modalidade permitem-me apreciá-la ainda mais.	1	2	3	4	5	6	7
3) Esta modalidade permite-me vivenciar experiências memoráveis.	1	2	3	4	5	6	7
4) Esta modalidade evidencia as qualidades que eu mais gosto em mim próprio(a).	1	2	3	4	5	6	7
5) Esta modalidade está em consonância com as outras actividades da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
6) Para mim é uma paixão que eu ainda consigo controlar.	1	2	3	4	5	6	7
7) Estou completamente envolvido(a) nesta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
8) Não consigo viver sem ela.	1	2	3	4	5	6	7
9) A necessidade é tão forte que não consigo deixar de praticar esta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
10) Tenho dificuldade em imaginar a minha vida sem esta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
11) Estou emocionalmente dependente desta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
12) Tenho muita dificuldade em controlar a minha necessidade de praticar esta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
13) Tenho um sentimento quase obsessivo por esta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7
14) O meu estado de humor depende de eu praticar ou não esta modalidade.	1	2	3	4	5	6	7

Obrigado pela colaboração!

Anexo II – Tabelas Correlação PO e PH e Testes KMO

Tabela – Correlação entre dos factores PH e PO

Factores	PH	PO
PH	1,000	,440
PO	,440	1,000

Tabela – Resultados iniciais dos testes KMO e Bartlett's

Teste KMO e Bartlett's		
Kaiser-Meyer-Olkin Medida de Adequação do Modelo		,646
Teste Bartlett's	Approx. Qui-quadrado	1314,692
	Graus de Liberdade	91
	Sig.	,000

Tabela – Resultados finais dos testes KMO e Bartlett's

Teste KMO e Bartlett's		
Kaiser-Meyer-Olkin Medida de Adequação do Modelo		,871
Teste Bartlett's	Approx. Qui-quadrado	1000,328
	Graus de Liberdade	91
	Sig.	,000